



PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO XII — N.º 127 — SÃO PAULO, MARÇO DE 1968 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191. — SALA 2 — CAIXA POSTAL — 6248

O BRASIL SOLIDÁRIO COM OS INTELECTUAIS PORTUGUESES

Alcançou proporções nacionais a campanha de solidariedade que se acha em curso no Brasil, provocada pelas prisões de URBANO TAVARES RODRIGUES, MARIO SOARES e FRANCISCO DE SOUZA TAVARES.

O primeiro brado de alerta



Mário Soares

partiu de um grupo de professores da Universidade de São Paulo, todos eles figuras de expressão internacional. Quase simultaneamente, os jornalistas

de São Paulo endereçaram carta ao Presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas de Portugal, manifestando a emoção que lhes causara a prisão de Urbano Tavares Rodrigues e o seu desejo de o ver prontamente restituído à liberdade, bem como os demais intelectuais presos.

A bola de neve rolou e transformou-se em avalanche. Como a imprensa do Rio e de São Paulo publicou com o maior relevo esses protestos iniciais, a notícia espalhou-se e cresceu entre a opinião pública a revolta contra a nova onda de terror desencadeada contra o setor intelectual pelo governo de Salazar e pela PIDE.

Na impossibilidade de divulgarmos tudo o que a respeito tem vindo a lume — até porque a Radio e Televisão colaboraram na campanha — reproduzimos abaixo os documentos mais significativos, que traduzem a comovedora solidariedade do povo brasileiro a URBANO TAVARES RODRIGUES, MARIO SOARES E FRANCISCO DE SOUZA TAVARES.

O PROTESTO DOS MESTRES DA USP

É do seguinte teor o documento enviado ao "presidente" Américo Tomás por 10 profes-

res da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo:

"Têm exata consciência os signatários da existência de um património cultural comum a Portugal e ao Brasil cuja defesa é um imperativo da história. Mas não desconhecem também o pouco ou nenhum valor das meras declarações governamentais feitas tanto em Portugal como aqui proclamando a permanência desse património e a intenção de o preservar quando os fatos concretos desmentem os propósitos alardeados pela retórica oficial. A cultura não se defende com discursos mas com atos que sejam em si mesmos manifestações de respeito por ela.

Ora, como professores que dedicam à Universidade o melhor do seu labor, vêem-se os signatários forçados a reconhecer que o regime a que Vossa Excelência preside, ao invés de praticar uma política de protecção à cultura, favorável ao estreitamento dos íntimos laços que prendem o Brasil a Portugal persegue de modo sistemático os intelectuais portugueses. Proclamam-no entidades com o prestígio mundial da União Europeia de Escritores, da Associação Internacional dos Juristas Democráticos, da Liga dos Direitos do Homem, da Fundação para a Paz Ber-

trand Russell. A Sociedade Portuguesa de Escritores foi fechada em condições que provocaram um escândalo internacional. Escritores como Alves Redol, Alberto Ferreira, Alexandre Cabral, Urbano Tavares Rodrigues, Augusto Abelaira, Alexandre Pinheiro Tóres Manuel da Fonseca, Stau Monteiro, foram recentemente presos e submetidos a vexames inadmissíveis pela Polícia. A censura sufoca a imprensa, livros são apreendidos, livrarias assaltadas pela Polícia Política e obras de cultura queimadas como na Idade-Média.

Neste momento em que se dirigem a Vossa Excelência sabem os signatários, através de notícias publicadas nos jornais brasileiros, que se acham presos sem culpa formada intelectuais da categoria do Professor Urbano Tavares Rodrigues, e dos Drs. Mário Soares e Francisco de Sousa Tavares.

Não será difícil a Vossa Excelência avaliar os sentimentos que a notícia dessas perseguições a destacadas figuras da vida intelectual portuguesa está provocando no seio da opinião pública brasileira em geral e no meio universitário em particular. Ao protestarem vivamente contra as violências policiais que no mo-

mento atingem esses e outros intelectuais portugueses, lembram os signatários a Vossa Excelência que a defesa do património cultural luso-brasileiro é incompatível com as constantes violações dos Direitos do Homem — consignados na Declaração Universal subscrita pelo Governo Português — praticadas pelo regime a que Vossa Excelência preside.

A imediata libertação de Urbano Tavares Rodrigues, Mário Soares, e Francisco de Sousa Tavares seria uma demonstração de que Vossa Excelência não deseja a continuação do terror cultural que varre Portugal.

Respeitosamente

Eurípedes Simões de Paula (Professor Catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; Diretor do Departamento de História da mesma Faculdade); Sérgio Buarque de Hollanda, Professor Catedrático de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; Florestan Fernandes, Professor Catedrático de Sociologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; Mário Schemberg, (Professor Catedrático de Física Teórica da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo); João Cruz Costa, (Professor Catedrático aposentado de Filosofia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo); Samuel Pessoa, (Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo); Antonio Cândido de Mello e Souza, (Professor de Teoria da Literatura da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo); Ruy Galvão de A. Coelho, (Professor Catedrático de Sociologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da

(Continua na pág. 2)

Abaixo Todas as Guerras Coloniais!

Nas últimas semanas os estudantes portugueses ofereceram ao País e ao Mundo uma admirável demonstração do seu espírito de luta e da elevada consciência que têm de problemas cuja solução condiciona o futuro de toda a Humanidade. Em Janeiro, no Porto, e em Fevereiro, em Lisboa a juventude estudantil portuguesa promoveu duas grandiosas manifestações contra a guerra do Vietnam hoje erigida em símbolo e modelo monstruoso de todas as guerras coloniais. Relatamos nesta edição os pormenores de ambos os acontecimentos. São múltiplos os ensinamentos que se podem tirar da leitura dessas reportagens. Uns dizem respeito aos aspectos orgânicos e táticos das iniciativas; outros aos objetivos globais das mesmas que se inserem visivelmente naquilo que parece ser uma nova estratégia do movimento estudantil.

Todas as informações que recebemos até agora são concordantes num ponto: tanto no Porto como em Lisboa, o aparelho repressivo do regime foi colhido de surpresa. No caso da programada visita do embaixador dos Estados- Unidos à Universidade da capital do Norte essa surpresa foi tão total que a Polícia e a Guarda Republicana só puderam intervir quando a manifestação de protesto estava praticamente finda. E o governo teve de suportar a dupla humilhação de anular a visita do diplomata norte-americano à última hora, e de deixar impunes os jovens que durante mais de uma hora ocuparam a Universidade para denunciarem nos seus pátios a escalada do imperialismo "yankee," gritando "slogans" contra a criminosa guerra do Vietnam, cada vez mais uma afronta à consciência de toda a humanidade civilizada. Foi uma grande vitória organizativa e unitária. Em Lisboa, embora não tão completamente, o Governo também se viu surpreendido pelos acontecimentos. A organização foi outra vez perfeita. Os estudantes, nada menos de três centenas, puderam convergir sobre as ruas que rodeiam a Embaixada dos Estados- Unidos e concentrar-se ali para dar início à manifestação. Só então, quando esta era um facto consumado, e o pessoal diplomático norte-americano corria já aos telefones, se verificou apressadamente a intervenção do aparelho repressivo. A violência

foi, aliás, a nota dominante do choque entre estudantes e polícia. Salazar, um pouco tarde, havia compreendido o significado real da manifestação do Porto apercebendo-se que ela visava muito mais longe do que o Vietnam. A juventude portuguesa é, obviamente solidária com a heróica luta do povo vietnamita pela sua liberdade e independência. Mas, ao traduzir essa solidariedade em actos públicos que desafiam as proibições impostas pelo regime policial-fascista de Salazar, ela encontrou a maneira mais adequada e sensacional de exprimir implicitamente a sua oposição intransigente às guerras coloniais de Angola, de Moçambique e da Guiné-Bissau. O "Stop the War" em inglês dirigido ao embaixador norte-americano tinha também outro endereço. Era igualmente o clamor da juventude portuguesa contra o genocídio africano, contra o envio de tropas, contra os crimes monstruosos que envergonham a Nação no seu conjunto.

Salazar entendeu. Daí a brutalidade da sua polícia. Todas as guerras coloniais se assemelham. Quem condena uma, condena todas. A do Vietnam, como a de Angola, como a da Guiné, como a de Moçambique. Os patriotas vietnamitas que se batem no delta do Mekong ou nos altos planaltos lutam pela mesma liberdade cujos clarões cada vez mais próximos levam os guerrilheiros de Amílcar Cabral a enfrentar o "Exército português nas margens do Geba ou nas praias de Como. E o "marine" ou o aviador US atirado para missões assassinas no Sudeste asiático é, na essência uma peça e uma vítima da mesma engrenagem imperialista e colonialista — apenas mais sofisticada tecnologicamente — que leva o camponês das aldeias do Minho ou do Alentejo a matar e morrer nas plagas africanas.

Abaixo todas as guerras coloniais! É o grito dos estudantes de Portugal, é o nosso, é o de toda a Humanidade responsável. Denunciá-las, em Lisboa ou no Porto, equivale a desafiar o Fascismo!



PORTUGAL
DEMOCRATICO

Urbano T. Rodrigues

O Brasil contra Salazar

Universidade de São Paulo); Octavio Ianni, (Professor de Sociologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo); e Paulo Duarte (Professor de Pré-História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e Diretor do Instituto de Pré-História da mesma Faculdade).

MANIFESTAM-SE OS JORNALISTAS

Publicamos abaixo a íntegra da carta endereçada por 25 jornalistas de São Paulo ao presidente do Sindicato Português da classe. Entre os signatários figuram um ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, o diretor da Sucursal da "Última Hora-Rio", o redator chefe da Revista "Realidade" e alguns dos mais destacados elementos de "O Estado de S. Paulo", "Realidade", "Jornal da Tarde", "Folha de S. Paulo", "Última Hora-Rio" e "Diário de São Paulo".

Eis o texto:

"A recente onda de perseguições que vem atingindo os intelectuais portugueses está causando viva emoção entre a opinião pública brasileira. O fechamento de Editoras como a "Minotauro", a apreensão sistemática de livros, a interdição policial que pesa sobre a representação de peças teatrais de autores como Bernardo Santareno e Sítiau Monteiro, bem como a prisão dos drs. Mário Soares e Sousa Tavares, são outras tantas provas de que reina atualmente em Portugal um clima de terror cultural incompatível com o respeito pelos direitos do homem consignados na Declaração Universal de que o Governo Português é um dos signatários.

A prisão pela Polícia Política (PIDE) sem culpa formada de URBANO TAVARES RODRIGUES veio apenas confirmar que os jornalistas são também visados pelo regime obscurantista que oprime o povo português. Neste caso trata-se de um intelectual que, como professor, escritor e profissional de imprensa, conta no Brasil com inúmeros amigos e admiradores. A sua prisão causou compreensível emoção e o fato de não pesar sobre ele qualquer acusação concreta mais reforça a convicção de que nos achamos perante nova arbitrariedade da Polícia Política. Nesta conformidade, certos de que esse Sindicato já terá tomado as providências cabíveis, vêm os signatários, todos jornalistas profissionais de São Paulo, manifestar a sua irrestrita solidariedade a URBANO TAVARES RODRIGUES e solicitar de V. Sa se digne transmitir às autoridades competentes o desejo que os anima de ver prontamente restituídos à liberdade aquele colega e outros intelectuais presos.

Cordiais Saudações

São Paulo, 1 de fevereiro de 1968.

aa) Sábado Magaldi, Delmiro Gonçalves, Evaldo Dantas Ferreira, Dácio de Arruda Campos, Diogo Pacheco, Roberto Freire, Luis Fernando Mercadante, Paulo Patarra, Ruy Martins, José Hamilton Ribeiro, Narciso Kalil, Nylton Silva, Isolino Cunha Motta, Antonio Marcos Pimenta, Alexandre Gambirazie, Carlos Azevedo, Aristides Lobo, Lourenço Dantas Motta,

Eduardo Figueiredo, Luis de Aragão, José Natali Jr, Marco Antonio Escobar, Valéria Zamboni, Manuel Gomes dos Santos e Renato Ribeiro dos Santos.

UMA CARTA DOS INTELECTUAIS DO RIO

No Rio de Janeiro, o movimento de solidariedade alcançou também grande expressão. Dezenas de escritores, professores e artistas assinaram a carta que abaixo publicamos, também endereçada ao "presidente" Tomás:

Vem a imprensa brasileira dando grande relêvo ao noticiário relativo à onda de perseguições que neste momento atinge os intelectuais portugueses. A prisão sem culpa formada de figuras de tão elevada expressão intelectual como o escritor e professor Urbano Tavares Rodrigues, e os advogados drs. Mário Soares e Sousa Tavares que contam numerosos amigos e admiradores neste país chocou profundamente a opinião pública brasileira e muito particularmente os meios culturais.

Como as arbitrariedades e violências policiais de que no momento são vítimas esses intelectuais portugueses se integram numa autêntica campanha de terror cultural, sentem-se os signatários — escritores, professores, jornalistas, teatrólogos, homens públicos — no dever de protestar contra a sistemática violação dos direitos do homem vigente em Portugal e de solicitar de V. Excia. se digne intervir no sentido de que Urbano Tavares Rodrigues, Mário Soares e Sousa Tavares sejam prontamente restituídos à liberdade assim como outras vítimas da repressão policial que há anos mancha as tradições do nobre povo português."

(Seguem-se as assinaturas)

UMA INICIATIVA COMO-VEDORA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Além das manifestações coletivas de solidariedade houve também comovedores gestos individuais. A grande escritora Lygia Fagundes Telles escreveu por exemplo uma carta ao "presidente" Tomás, ditada pela sua amizade por URBANO TAVARES RODRIGUES, carta que é um admirável documento humano. Esse texto foi divulgado pelos jornais "Tribuna", de Santos, e pelo "Correio da Manhã", do Rio, causando particular impressão nos meios intelectuais. Ei-lo:

"Senhor Presidente:

Quem lhe escreve é uma brasileira que — dentro das suas possibilidades — sincera e honestamente tem procurado dar às relações culturais entre escritores portugueses e brasileiros, um cunho humano e pessoal mais profundo, como deve ser em se tratando de países irmãos. Buscando sempre me manter informada a respeito da moderna literatura de Portugal, não o faço só por gosto mas também por dever de ofício, movida pelo puro e simples intuito de melhor divulgá-la entre nós. Há alguns anos, quando por ocasião do lançamento de um livro da minha autoria, fui recebida com o maior carinho em Lisboa, me foi dado conhecer pessoalmente vários escritores dos quais já era admiradora: é para mim uma renovada alegria revê-los quando porventura visitam minha cidade.

Ultimamente ainda esteve aqui conosco Urbano Tavares Rodrigues, cuja bela obra de romancista e contista é tão enriquecedora para um número crescente de leitores brasileiros e cuja presença é tão vivificante e calorosa para as relações culturais entre nossos países. Assisti às conferências que pronunciou na Universidade de São Paulo, conferências essas — diga-se de passagem — de cunho estritamente literário. Poderia se aproveitar da oportunidade para se exprimir em termos políticos. Não o fez: na qualidade de professor universitário, restringiu-se apenas à missão que se propôs, ou seja, a de apresentar um panorama geral das atividades dos seus camaradas de letras e artes. Difícilmente se encontrará um intelectual patriota que — usando da palavra como instrumento — tenha feito mais pelo seu país do que Urbano Tavares Rodrigues. Os que o conheceram ficaram marcados pelo brilho da sua inteligência e alta inteligência do seu caráter.

Eis que, perplexa, leio hoje nos jornais a notícia brutal de que ele foi detido e encarcerado em Lisboa. O sufocante direito de divergir é terrivelmente penoso em qualquer país e sob qualquer regime. Tal violência é particularmente insuportável para mim quando ela se processa em Portugal e no Brasil. Defendendo o direito de Urbano Tavares Rodrigues de pensar e exprimir seu pensamento, sei que estou defendendo também o meu direito. É preciso não esquecer nunca que os intelectuais que politicamente são considerados "escritores malditos", têm apenas um objetivo principal: a liberdade. Na medida em que a liberdade humana, segundo Jean-Paul Sartre, é considerada uma maldição por aqueles mais fracos que se curvam sob o peso da responsabilidade que dela decorre, não esquecer ainda que é essa maldição "a fonte inigualável da nobreza do homem".

Apelo para a alta autoridade do Presidente da República de Portugal afim de ser posto um cêbo à violência policial contra Urbano Tavares Rodrigues e outros intelectuais portugueses, encarcerados por motivo de opinião.

Respeitosamente
Lygia Fagundes Telles

UMA CRÔNICA DE HELENA SILVEIRA

De uma bela crônica de Helena Silveira, publicada na "Folha de São Paulo", sob o título "Geografia da Dor" (10 de

Fevereiro) transcrevemos esta passagem final:

Enfim, o escritor um eterno solicitado das situações, das emoções. Só as ditaduras lhes vedam assuntos e, sobretudo, vêem agitadores onde apenas existe uma consciência julgando, dando testemunho. Aproveito o tema e este final de crônica para juntar à figura tão ilustre e tão querida de Erico Verissimo as de intelectuais portugueses prisioneiros da PIDE. Urbano Tavares Rodrigues, Mário Soares, Francisco de Sousa Tavares, não podem ser criminosos. Pertencem à lucida clã dos visionários que melhoram o mundo com o poder de seus sonhos e seus ideais. Que a Polícia portuguesa respeite neles a dignidade do intelectual que só um céu de liberdade pode assegurar. Não só do Vietnã nos chegam, hoje, os ecos geográficos da dor.

PALAVRAS DE FERNANDO NAMORA

Encontrando-se no Brasil na altura em que a campanha de solidariedade aos intelectuais portugueses presos atingia o seu apogeu, o escritor Fernando Namora foi naturalmente interrogado a respeito durante a sua conferência de imprensa, podendo sentir a repulsa dos jornalistas brasileiros pelo clima de terror policial reinante em Portugal.

Da reportagem de 14 de Fevereiro do jornal "O Estado de S. Paulo" transcrevemos as passagens que se seguem, elucidativas, primeiro da dignidade do escritor e do homem Fernando Namora e, depois, do ambiente de constrangimento que o rodeava.

"Fernando Namora escritor português de fama mundial, é admirador incondicional de Graciliano Ramos que, na sua opinião, é o melhor escritor do Brasil.

Durante entrevista concedida ontem à tarde, o intelectual lusitano definiu as atuais tendências da literatura portuguesa, deu suas impressões sobre a brasileira, mas não pôde falar a vontade sobre a política de seu país, por delicadeza, porque o cônsul português, sr. Luiz Soares de Oliveira estava a seu lado.

Fernando Namora integra um grupo de intelectuais portugueses que fazem oposição ao regime salazarista e, indagado sobre esse movimento, respondeu: "Ai do País que não tiver intelectuais rebeldes e insubmissos! Em Portugal é assim, como em quase todos os países

do mundo". A uma nova pergunta, sobre os nomes dos intelectuais contrários ao governo de Portugal, respondeu que preferia não citar nomes, porque poderia se esquecer de algum, que não gostaria de ser esquecido".

CENSURA

O escritor português teve conhecimento de um movimento de escritores brasileiros em solidariedade ao escritor português Urbano Tavares Rodrigues, preso pela PIDE, e afirmou que essa preocupação dos brasileiros pelos seus colegas portugueses sem dúvida refletirá bem nos meios intelectuais de Portugal.

O presidente do Clube Português, que inaugurava sua nova sede com a presença do escritor Fernando Namora, pediu aos jornalistas que evitassem falar sobre política com o entrevistado, mas, mesmo assim, uma certa parte da entrevista tomou o rumo político. O cônsul português, ouviu com discreção as respostas de seu pátrio e não interveio em momento algum.

Fernando Namora respondeu a uma pergunta sobre a censura. Afirmou categórico, e mesmo com eloquência que a arte não pode aceitar a censura em parte nenhuma do mundo. "Desde que o mundo é mundo tem sido assim. A arte precisa ser livre".

O título da reportagem, a duas colunas, era elucidativo: "Fernando Namora é contra a Censura".

PROTESTAM OS DEMOCRATAS PORTUGUESES

Entre os democratas portugueses do Brasil, o movimento de revolta contra as prisões dos três intelectuais citados foi, como era de esperar, imediato, exprimindo-se através de várias iniciativas de solidariedade.

Durante uma reunião realizada no Centro Republicano Português, foram assinados pelos presentes os dois documentos que abaixo publicamos, dirigidos respectivamente ao Bastonário da Ordem dos Advogados e ao presidente do Sindicato dos Jornalistas. Este último é do seguinte teor:

"Exmo. Senhor Presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas

É com crescente preocupação que os democratas portugueses

(Continua na pág. 7)



agência TRIÂNGULO de seguros s. a.

SEGUROS DE VIDA EM GRUPO E COLETIVOS DE ACIDENTES PESSOAIS

RUA BRAULIO GOMES 107 - 4.º andar - conjunto 42

Telefones: — 32-4882 e 37-2774

SEGUROS DE INCÊNDIO SEGUROS EM GERAL

Endereço Telegráfico: — "CAMBRONNE"

SÃO PAULO

Nolas e comentários

Tomás em viagem...

A chamada viagem presidencial à Guiné e a Cabo Verde foi o prato forte da imprensa fascista portuguesa no mês de Fevereiro. Ao lado de colunas maciças de prosa dos enviados especiais, os jornais — do servil "Diário de Notícias" ao demagógico "Século", passando pelo "Diário Popular", sempre oportunista — publicaram dezenas de fotografias, numa tentativa de demonstrar o carácter apoteótico da viagem.

E, contudo, certamente para surpresa de muitas pessoas de bem que viram e leram essas reportagens, pelo menos uma parte da viagem foi pura mistificação. Não temos ainda informações exactas sobre o que se passou em Cabo Verde. Mas da Guiné recebemos já notícias que nos permitem afirmar com toda a segurança que a "triumfal viagem de soberania" do vetusto almirante só existiu no papel. Na realidade, "o presidente" gastou cinco dias passeando em Bissau e arredores, foi a Bolama — também situada numa ilha — e deu apenas uma rápida escapada ao Continente para se mostrar em Bafatá durante algumas horas, rodeado de impressionante aparato militar. Contra factos não há argumentos. Por isso mesmo não encontrou o fascismo justificativa para a circunstância de a visita a Cabo Verde se prolongar por nove dias enquanto a estada na Guiné — colónia dez vezes maior e com uma população cinco vezes superior — não ultrapassou cinco. E muito menos explicou porque todas as festas, recepções, inaugurações e discursatas decorreram em Bissau, longe do Continente onde dominam os patriotas do PAIGC. O governo queria salvar a fachada. Mas, ao que parece, o pró-consul fascista Arnaldo Schultz esclareceu que não se responsabilizava pela vida do almirante na terra firme. A solução encontrada foi uma verdadeira humilhação para o representante de Salazar: organizaram uma visita relâmpago à cidade-fortaleza de Bafatá.

Tomás partiu num avião militar e regressou nele após uma breve cerimónia realizada num cenário em que havia mais militares do que civis. Pode-se dizer sem exagero que foi visitar a tropa aquartelada em Bafatá. Aliás, segundo as próprias reportagens do enviado especial da agência fascista ANI, uma autêntica cortina de segurança cobria a estrada que liga o aeroporto à cidade de Bafatá.

Não houve visita presidencial à Guiné. Essa a verdade.

Namora em S. Paulo

O escritor Fernando Namora esteve alguns dias em São Paulo em Fevereiro. Veio fazer uma conferência e teve oportunidade de rever velhos amigos. A imprensa brasileira dedicou ao acontecimento uma atenção particular, destacando o mérito da obra do escritor e o seu significado social. A numerosa e laboriosa colónia portuguesa sentiu-se compreensivelmente orgulhosa com a atenção dedicada a um grande escritor da sua terra. E dizemos compreensivelmente porque tem uma

longa experiência da indiferença — diremos mesmo o silêncio — que rodeia sistematicamente as visitas dos "intelectuais" teleguiados que o governo envia com frequência ao Brasil a fim de fazerem a propaganda do regime fascista e exaltarem o colonialismo.

Com Namora, as coisas passaram-se de uma maneira diferente. Era uma expressão real da "intelligentsia" portuguesa. A Embaixada, atenta, quis aproveitar-se da repercussão de presença tão significativa. Todo o pessoal diplomático foi mobilizado para cercar Fernando Namora de atenções, numa preocupação mistificadora que tinha por objectivo persuadir a opinião pública brasileira — habituada a encarar os diplomatas de Lisboa como meros porta-vozes da ditadura — de que em Portugal seriam excelentes as relações entre o regime e os intelectuais. Mas a manobra falhou, saldando-se por um grande fiasco. Os jornalistas brasileiros aproveitaram uma Conferência de Imprensa para fazer ao autor de "O Trigo e o Jolo" perguntas que o obrigavam a uma definição em face da realidade portuguesa. E Namora não se embaraçou. Embora lhe tivessem pôsto o consul ao lado, e não obstante o presidente do Clube Português ter interpelado os reporteres, querendo proibir "perguntas sobre política", o escritor respondeu com dignidade, condenando a censura e enaltecendo a rebeldia dos intelectuais. Os jornais não deixaram, aliás, de salientar o fator de constrangimento representado pela presença do consul, absolutamente inusitada em encontros do género.

A incapacidade revelada pelos elementos salazaristas em pôr Namora em contacto com o meio intelectual brasileiro completou o malogro dos funcionários da Embaixada e do Consulado. Ao que parece, houve quem levasse o escritor a uma fábrica de bolachas...

Fernando Namora teve, felizmente, a oportunidade de entrar em contacto com alguns colegas brasileiros. Embora o período de férias mantivesse longe de São Paulo a maioria das personalidades do meio intelectual e artístico, o comandante Sarmiento Pimentel tomou a iniciativa de promover no Centro Republicano Português um encontro do romancista português com escritores e editores brasileiros. Nas breves horas passadas nessa Cidadela da Democracia, Fernando Namora teve ocasião de reforçar a sua certeza de que, contra tudo o que apregoam os "slogans" da propaganda fascista, os autênticos representantes da cultura brasileira não admitem sequer o diálogo com Salazar e os seus funcionários diplomáticos. E nos democratas portugueses, nos intelectuais exilados, em todos quantos se batem pela libertação de Portugal que eles vêm os representantes qualificados do povo português. Como democrata que é, Fernando Namora soube, sem dúvida, compreendê-lo.

Solidariedade Positiva

Pelo amplo noticiário que sobre o assunto publicamos podem os nossos leitores aquilatar das proporções que está assumindo o movimento brasileiro

de solidariedade aos intelectuais portugueses que se acham presos sem culpa formada, na Fortaleza de Caxias. Independentemente dos aspectos humanitários do problema e da comovedora demonstração de que existe realmente neste país um sentimento muito profundo de que tudo o que atinge a liberdade e a dignidade do homem português lhe diz também respeito, a campanha de solidariedade a que nos referimos está tendo consequências que ninguém, inicialmente, nem mesmo os mais optimistas, havia previsto. O clamor contra as prisões de Urbano Tavares Rodrigues, Mário Soares e Francisco de Sousa Tavares acabou por se transformar em clamor generalizado contra o fascismo e o colonialismo português. Nunca nos últimos anos a imprensa brasileira publicara tantas notícias, comentários e telegramas desabonadores da política salazarista. Talvez por haver percebido a receptividade da opinião pública a tudo o que envolva crítica ou denúncia do regime português, a maioria dos jornais passou, de repente, a dar o maior relêvo aos desastres fascistas na guerra colonial. Minuciosos levantamentos sobre a marcha das operações vieram a lume, apresentando um panorama inteiramente diferente das teses oficiais de Lisboa e foi assegurada ampla divulgação aos comunicados de guerra do MPLA, do PAIGC e da FRELIMO. Como se isso não fosse suficiente, alguns jornais reproduziram uma reportagem de "Newsweek", onde a muito conservadora revista norte-americana revela que mais de metade da Guiné se acha firmemente nas mãos dos patriotas do PAIGC. Um telegrama da France Presse sobre o manifesto em que os padres de Moçambique condenam a política de Salazar em relação à Igreja mereceu honras de primeira página em vários jornais, enquanto outros vêm destacando os dramas da emigração.

Não se trata pois, apenas de uma campanha comovedora: ela é também uma campanha de consequências extremamente positivas, na medida em que se traduz pelo descrédito do regime mesmo perante os setores mais conservadores da sociedade brasileira. O estado de espírito da opinião pública em face do regime de Salazar é de tal ordem que a Embaixada deve estar experimentando as maiores dificuldades para dar continuidade à sua política tradicional de mistificação. Falar em intercâmbio cultural, por exemplo, no momento em que as figuras mais prestigiosas da Universidade de São Paulo denunciavam o terror cultural salazarista é tarefa muito ingrata para os diplomatas da ditadura.

O embaixador José Manuel Fragoço acaba, de resto, de tomar uma iniciativa que vale por uma confissão de má consciência e que revela a posição insustentável em que a política de terror da PIDE coloca no Brasil os representantes do fascismo. Referimo-nos à maneira ostensiva como se dirigiu, após a Conferência de Fernando Namora, no Clube Português, às escritoras Helena Silveira e Lygia Fagundes Telles, a fim de lhes apresentar os seus cumprimentos. Cabe recordar que ambas se achavam ali com os democratas portugueses e que tanto uma como outra haviam manifestado na mesma semana através da imprensa, a sua solidariedade aos intelectuais portugueses presos. Lygia Fagundes Telles divulgara mesmo uma carta aberta ao "presidente" Tomás, protestando contra a prisão de Urbano Tavares Rodrigues. Os cumprimentos e os

elogios — ouvidos por muitos dos presentes — do embaixador e do cônsul às duas escritoras têm o sabor de uma vitória dos democratas portugueses e de uma derrota fascista.

Surdo-Mudos para Africa

A enormidade do esforço exigido ao povo português pela ditadura salazarista para continuação das guerras em África verifica-se por vezes em pormenores que, se não fossem trágicos, seriam ridículos. Agora, por exemplo, noticiaram os jornais que o Exército português vai aumentar o período de serviço militar obrigatório de dois para quatro anos, recrutando também pessoas incapacitadas fisicamente — os quais, segundo o deputado Santos Cunha, trabalharão em serviços auxiliares para permitir que os corpos mais capazes guarneçam as linhas de frente... A lei de recrutamento introduz outras modificações igualmente significativas da dificuldade em que se acha Salazar para manter a sua criminosa guerra colonial. Assim, a idade de convocação dos recrutas baixa de 20 para 18 anos e é criado um Exército feminino, o primeiro na História portuguesa.

Estes artigos da lei de recrutamento, bem como o famoso artigo 74, segundo o qual "sempre que as necessidades da defesa nacional imponham, os indivíduos que pertencem à reserva territorial por lhes ter sido atribuída a classificação de inaptos podem ser mandados reclassificar com vista à possível transferência para as forças armadas", vêm confirmar iniludivelmente a situação desesperada que o fascismo está enfrentando, apesar do auxílio exterior, da venda em leilão de toda a riqueza das colónias, da injeção de créditos trazidos pelos turistas e dos "capitalistas invisíveis" que entram no país enviados pelas centenas de milhares de emigrantes que se acham em França e na Alemanha.

Agora, verifica-se que as dificuldades de Salazar já não são apenas de ordem material. Já não é só o dinheiro que falta. Faltam também os homens, o que é mais grave para o fascismo.

Na base das leis de recrutamento de inválidos acha-se a verificação, feita pelo fascismo no ano passado, de que 20% dos convocados para o Exército não responderam à chamada. Com efeito, da incorporação de 1967, que seria de 70.000 mancebos (60 mil soldados, 8 mil sargentos e 2 mil oficiais milicianos) apenas 56.000 se apresentaram. Portanto, só em 1967, 14.000 jovens portugueses recusaram-se a servir de carne de canhão para Salazar. E agora, para opôr às forças nacionalistas africanas, Salazar tem que recorrer ao exército feminino e aos surdo-mudos.

PEQUENAS NOTÍCIAS

* Após a sessão de encerramento do Congresso Nacional Africano, realizado em Londres, no mês findo, os quinhentos congressistas dirigiram-se à Embaixada de Salazar, empunhando faixas e cartazes, realizando uma concentração. Uma das faixas dizia: "As armas da OTAN matam patriotas angolanos".

Segundo o jornal "Ultima-Hora-Rio" um médico brasileiro que recentemente foi recebido em audiência por Salazar, declarou a amigos brasileiros que havia encontrado no stervo ditador luso indiscutíveis indícios de arteriosclerose.

* Desertou do quartel-general da 3.ª Região Militar, em Évora o aspirante Francisco Salgado, filho do director da agência do Banco de Portugal naquela cidade. O jovem, que levou consigo duas metralhadoras, já telefonou à família de Paris.

O Q. G. do MPLA em Angola

Segundo recente comunicação do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), o quartel general do Movimento vai transferir-se de Brazzaville, onde tem funcionado durante todos estes anos, para uma região libertada no interior de Angola.

Esta importante decisão foi anunciada há poucas semanas atrás, durante uma conferência de imprensa que decorreu em Brazzaville e foi concedida pelo Dr. Agostinho Neto, Presidente do Comité Director do MPLA.

É importante ressaltar o valor de semelhante decisão, que vem contrariar frontalmente as informações constantemente prestadas pelas autoridades colonialistas de Lisboa, que não se cansam de asseverar encontrar-se Angola quase inteiramente livre dos nacionalistas. Verifica-se, mais uma vez, quão falaciosas são as afirmações do Terreiro do Paço, que apenas pretende agora como sempre "tapar o sol com uma peneira".

De acordo com a entrevista concedida pelo Dr. Agostinho Neto, a região onde será instalado o quartel general do MPLA tem uma população superior a 100.000 pessoas. A vasta superfície já controlada inteiramente pelos nacionalistas angolanos é maior que a de Portugal Continental; tudo nela está já organizado em moldes democráticos, encontrando-se em pleno funcionamento os órgãos eletivos do poder popular, aquele poder popular que tanto medo faz aos fascistas lusitanos.

Não há a menor dúvida que os milhares de soldados metropolitanos enviados, como carne de canhão, para as colónias não só se encontram em situação bastante crítica em vastas regiões de Angola como perdem terreno a olhos vistos.

O velho ditado português que nos diz que "um homem mesmo morto em sua casa para sair dela ainda são precisos outros quatro para o levarem", funciona perfeitamente em Angola como noutras colónias onde os movimentos de libertação prosseguem aceleradamente e onde os nacionalistas ganham terreno a cada dia que passa. As perdas que o exército português está sofrendo são cada vez mais pesadas e este é um dos maiores crimes do ditador, que vê tranquilamente ceifarem-se as preciosas vidas da nossa mocidade, obrigada a fazer uma guerra que não é a dela, que não sente; por isso o moral das tropas é baixo e as deserções não têm mais conta. Não se passará muito mais tempo sem que tenhamos novas notícias acerca do progresso dos nacionalistas angolanos que, malgrado a feroz repressão comandada pelos oficiais fascistas, continuam a obra que há muito se impuzeram: a libertação total e completa da sua Pátria.

* O proprietário da Editora Germinal do Rio de Janeiro, sr. Roberto das Neves, teve de recorrer ao Itamarati a fim de obter passaporte para viajar para a Europa, pois o consulado português no Rio de Janeiro recusou-lhe a documentação a que, como cidadão português, tinha direito. O sr. Roberto das Neves enviou à imprensa um documento relativo ao incidente que vem confirmar a prepotência dos consulatos salazaristas já denunciada pelo nosso jornal.

A peça "Canção do Espantalho Lusitano", sátira de Peter Weiss sobre a guerra de Angola, está alcançando enorme sucesso em Nova York. Segundo o "New York Times", o público identifica-se tanto com a peça que, terminado o espetáculo permanece longo tempo de pé aplaudindo entusiasmadamente.

Depoimentos sobre o Terror Policial

Francisco Miguel e José Vitoriano dirigem-se á Mesa Redonda de Lausanne

Nos dias 3 e 4 de Fevereiro p.p. realizou-se em Lausane, na Suíça, uma Mesa Redonda "Sobre as Liberdades em Portugal", promovida pelo Movimento Suíço pela Amnistia em Portugal. A iniciativa, que contou com o patrocínio de numerosos deputados, organizações políticas, escritores, juristas, professores universitários, pastores, jornalistas, médicos e sindicalistas suíços constituiu um acontecimento extremamente significativo no âmbito da solidariedade internacional à luta do povo português pelo respeito nos direitos humanos.

Os organizadores receberam igualmente centenas de mensagens remetidas por personalidades e organizações de vários países. Publicamos abaixo dois desses documentos remetidos por dois presos políticos portugueses que são hoje dois heróis do povo português: Francisco Miguel e José Vitoriano.

FRANCISCO MIGUEL RECORDA OS HORRORES DO TARRAFAL

É do seguinte teor a mensagem de Francisco Miguel:

«QUERIDOS AMIGOS:
Como cidadão português que passou cerca de 22 anos da sua vida nas prisões fascistas de Salazar, e que nelas sofreu e viu sofrer as mais violentas torturas, desde bárbaros espancamentos, por quatro ou cinco agentes ao mesmo tempo, e várias vezes durante a mesma noite a tristemente célebre tortura da estatua e privação de sono, a que fui submetido durante 30 dias e 30 noites em três etapas (uma de 11 dias, uma de 10 e outra de nove) e a que continham sendo sujeitos os presos políticos, incluindo mulheres, recebi com entusiasmo a notícia da vossa iniciativa de realizar esta «Mesa Redonda» e é com entusiasmo que daqui vos dirijo as minhas calorosas saudações e vos afirmo a minha inteira solidariedade.

Todos os portugueses que têm vivido sob a ditadura fascista de Salazar têm alguma coisa a dizer contra esse regime de opressão e de miséria que suprimiu todas as liberdades e nega por completo os Direitos da pessoa humana. Mas desse regime de violência e terror quem mais sabe e mais pode dizer são as suas vítimas mais directas, as que apesar de tudo subsistiram às violências e aos muitos anos de prisão.

É, pois, nessa qualidade de ex-prisioneiro que considero de meu dever informar os participantes nesta «Mesa-Redonda» dos alguns factos vividos ou conhecidos de perto por mim, e alguns aspectos da repressão em Portugal.

O regime fascista português não respeita as suas próprias leis. Quando fui julgado a primeira vez, em 18 de Maio de 1940, no Tribunal Militar Especial fui condenado em 24 meses de prisão correcional, que era quanto a lei então em vigor permitia. Mas a seguir a esse julgamento fui mandado para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde permaneci até princípios de 1946, sujeito a trabalhos forçados e onde vi morrer mais de 2 dezenas dos meus companheiros de prisão, onde sobre a cabeça de cada um de nós pesava a ameaça da morte mais ou menos certa. Os próprios carcereiros, desde o director ao simples guarda, nos diziam frequentemente: «quem veio para aqui é para morrer».

Efectivamente, todos nós percebíamos que, ao criar aquêle campo de esmolação, e naquêlo local escolhido por reconhecimento insalubre, e ao sujeitarmos a um tratamento violentissimo, a uma propositada falta de assistência médica, etc., o propósito do governo de Salazar era liquidar-nos. Esse Campo, que a opinião pública portuguesa e internacional obrigou a fechar em Março de 1955, foi reaberto e nele encontra-se presentemente patriotas da Guiné e de Angola, entre elles o escritor Luandino Vieira.

Eu estive nesse Campo da «Morte Lenta», uma segunda vez, de 26 de Janeiro de 1951 até 26 de Janeiro de 1954. Coube-me a circunstância de ser, então, o último preso político que saiu do Tarrafal.

O que sofri e vi sofrer nesse Campo de Concentração, as dezenas de crimes que vi praticar estarão sempre vivos no meu espirito. Julgo compreender melhor que ninguém a que representa a campanha pelo encarceramento do Campo de Concentração do Tarrafal, contra a lei que autoriza a abertura de novos Campos de Concentração nas Colónias e pela amnistia para todos os presos políticos; a campanha para pôr fim ás torturas de que os presos políticos continuam a ser vítimas.

No segundo julgamento a que fui sujeito em 1948, fui condenado a 6 anos de prisão e um ano de «medidas de segurança» fixo. Segundo a própria lei fascista eu deveria ter estado em liberdade em Junho de 1954. Mas em vez de cumprir a decisão do seu tribunal e restituir-me a liberdade, o governo fascista de Salazar reteve-me na prisão por tempo indeterminado e ainda hoje estaria preso se não tivesse conseguido libertar-me pelo meus próprios meios.

Mas as referências que aqui faço ao Campo de Concentração do Tarrafal e aos crimes que lá foram praticados não deve deixar na sombra os sinistros Fortes de Peniche, e Caxias que também conheço e onde igualmente fui vítima de muitas violências e injustiças. E ali nessas Fortalezas, que a policia politica de Salazar põe em prática os seus processos «científicos» de torturar os democratas presos, onde tudo é feito para aniquilar o preso como pessoa válida, onde um preso político não pode ensinar a ler português outro preso político que seja analfabeto, onde o preso não é reduzido a analfabeto só porque isso não é praticamente possível.

Como ex-priso do Forte de Caxias e de Peniche acuso perante vós o governo de Salazar e os seus carcereiros dos crimes e violências que são praticadas nessas sinistras prisões. É lá que estão neste momento centenas dos melhores filhos do povo português cujas vidas estão em perigo e nos cabe salvar enquanto é tempo. É lá que está Sofia Ferreira, com sua pena há muito cumprida. É lá que está Aida Paulo, com mais de 8 anos de prisão e novamente encarcerada e torturada. É lá que estão dezenas de democratas com muitos anos de prisão e condenados a muitos anos e «medidas de segurança», como Pires Jorge, Carlos Costa, Octávio Pato, eng. Bianqui Teixeira, eng. Veiga de Oliveira, Dias Lourenço, José Magro, Rogério de Carvalho, Afonso Gregório, preso desde 1959, e muitos outros.

O regime fascista de Salazar é, pois, um regime congénere dos regimes de Hitler e Mussolini, de triste memória e só pode ser diferente por mais hipócrita e dissimulado nos seus métodos de violência. Em Portugal não existe, uma lei que autorize a pena de morte, mas dezenas de cidadãos, adversários do regime, têm sido assassinados pela policia fascista. Alfredo Dinis, o médico Ferreira Soares, o esculptor, Dias Coelho, Agostinho Finaez, Candido Capilé, A. Girão, o General Humberto Delgado e muitos, mui outros foram assassinados a tiro pela Pide, nas ruas ou nas suas próprias residências. Dezenas foram mortos no Tarrafal, e lá ficaram para sempre como Bento Gonçalves, Alfredo Caldeira, Mário Castelhamo e muitos outros. Muitos foram assassinados nas prisões do próprio Portugal e na sede da Pide, como Vieira Tomé, Augusto Martins, Ferreira Marques, Militão Bessa Ribeiro, António de Almeida, José Moreira, Oliveira Lemos, Fiuza, A. Ramos, A. Alves, A. Patuleira, e muitos outros.

A existência do regime de Salazar é um mal terrível para o povo português, que vive sob o terror e vê prejudicada toda a sua vida, e é uma vergonha para todos os homens progressivos da nossa época. É, pois, compreensível e altamente louvável que os homens e mulheres amigos da liberdade e da justiça de todos os países se sintam solidários com as vítimas do regime de Salazar e levantem a sua voz para condenar esse regime e as suas violências e crimes.

Lutar contra a existência de presos políticos em Portugal é um acto de justiça e de defesa dos «Direitos do Homem» dos direitos da pessoa humana. A indiferença perante os crimes do regime fascista português negaria em nós o sentimento de justiça e poria em perigo os próprios princípios da Liberdade e da Democracia.

Como ex-prisioneiro e homem a quem o governo fascista de Salazar teria na prisão se pudesse, quero manifestar a todos os presentes a esta «Mesa Redonda», os meus sinceros agradecimentos e a minha franca adesão à vossa humana iniciativa.

JOSÉ VITORIANO FALA SÓBRE A SINISTRA

FORTALEZA DE PENICHE
Publicamos, a seguir, o texto integral do documento enviado para Lausanne por José Vitoriano:

«CAROS AMIGOS:
Como anti-fascista que passou nos pri-

sões políticas de Salazar quase 17 anos da sua vida e que foi libertado graças à luta do povo português e à ajuda do movimento de solidariedade internacional eu quero trazer até vós o meu testemunho das torturas a que são sujeitos os patriotas portugueses na policia politica, do arbitrio dos tribunais e do cruel e desumano regime prisional nas prisões fascistas. Eu quero ainda trazer-vos o meu mais caloroso apoio à vossa iniciativa e manifestar-vos todo o meu reconhecimento pela ajuda que a vossa Conferência de «Mesa Redonda» vai representar para as centenas de patriotas portugueses que jazem nas prisões políticas sujeitos a um regime inumano e de terror, pela ajuda que ela vai representar para todo o povo do meu país na sua luta pela Democracia.

Preso pela primeira vez em 1948 eu fui espancado e submetido à tortura de longos dias e noites sem dormir, obrigado a manter-me na posição de «estatua». E a «estatua» o método mais vulgar e usual da PIDE (policia politica) para tentar obter declarações dos presos. Além das longas e continuas interrogatórias intercaladas por espancamentos e outras torturas as mais refinadas como queimadelas com cigarros ou fósforos acesos, picadelas com agulhas, o arranço de pêlos com pinas, os insultos e calúnias com que se procura abalar o moral dos presos, etc., estes são mantidos durante dias e noites, por vezes semanas consecutivas, na tortura do sono que consiste na chamada «estatua», em que o preso se não pode sentar nem dormir, que leva a alucinações, ao esgotamento total e não poucas vezes à loucura. Para quem nunca viveu situações destas será difícil conceber que se possa estar 17 dias e noites seguidas sem dormir como ainda não há muito aconteceu ao patriota engenheiro Veiga de Oliveira. Ao 3.º andar desta policia não chega a lei, dizem arrogantemente os agentes e inspetores da PIDE.

Libertado em 1951, eu voltei a ser preso em Janeiro de 1953. Condenado então a 4 anos e «medidas de segurança» só viria a ser libertado quase 14 anos depois. Quando já tinha terminado a pena e me encontrava preso devido apenas ás «medidas de segurança» fui submetido a novo julgamento acusado de, na cadeia, ter conspirado contra a segurança interna do Estado. Na verdade os guardas prisionais, nas suas frequentes buscas e devassas ás coisas dos presos, teriam encontrado em qualquer parte um papel escrito pelo meu punho e que era uma cópia dum regulamento da solidariedade praticada pelos presos entre si. Nada mais. Mas isso bastou para me fazerem um processo e me levarem outra vez a tribunal. No julgamento os advogados não tiveram nenhuma dificuldade em demonstrar que isto não tinha nenhum carácter político e muito menos ameaçava a segurança do Governo, que sempre e em toda a parte desde que existem presos políticos estes praticaram a solidariedade entre si, ajudando-se mutuamente a resolver dificuldades materiais. Tratava-se apenas duma acção de solidariedade humana e nada mais. Entretanto e apesar disso os juizes do Tribunal Plenário de Lisboa primeiro e os do Supremo Tribunal de Justiça depois, também não tiveram nenhuma dificuldade em «provar» que copiando na cadeia um regulamento de solidariedade prisional eu tinha ameaçado a segurança interna do Estado e como tal condenaram-me a 5 anos de prisão, agravado depois para 6 anos e meio pelo Supremo Tribunal de Justiça. É assim a justiça em Portugal. Isto é difícil acreditar, mas a prova-lo existe o facto real e objectivo de eu ter sido condenado e existe certamente o processo que poderá ser examinado. E este é apenas um exemplo entre muitos semelhantes, sem falarmos já da forma como decorrem os julgamentos em que os presos não é dada nenhuma possibilidade de defesa, nem aos próprios advogados, em que os presos não poucas vezes são espancados pela policia e metidos num calabouço, onde lhes vão lêr a sentença depois.

Nas cadeias políticas salazaristas e particularmente na do Forte de Peniche onde passei mais de 14 anos da minha vida de prisão, cadeia modelo do fascismo em Portugal, a vida dos presos é um autêntico inferno quotidiano. Nega-se-lhes a sua qualidade de presos políticos e applica-se-lhes o regime dos presos de delicto comum na que ele tem de pior, expurgando-o de tudo quanto possa contribuir para lhes suavizar a vida. Procura-se aniquilar totalmente a personalidade dos presos tratando-os como «coisas». É proibido cantar, é proibido assobiar, é proibido ouvir música, é proibido aproximar-se das janelas, cujos vidros são foscados, mesmo as que dão para pátios interiores, é proibido encostar-se ás camas, é proibido dar qualquer coisa a outro companheiro

quer seja comida, vestuário ou seja o que for, é proibido ensinar a analfabeto a ler, é proibido juntarem-se vários num grupo a conversar mesmo em salas onde estão mais duma dezena; não se pode falar alto porque é proibido fazer barulhos, não se pode falar baixo porque os guardas precisam de ouvir as conversas; proíbese uma conversa sobre Platão porque é proibido falar de politica; nas visitas chega-se a proibir uma criança de chupar um rebuçado porque é proibido comer na visita; proíbese uma conversa sobre futebol porque «o futebol não é assunto familiar» e os presos só podem falar com suas famílias de assuntos familiares, etc., etc. Toda a vida do preso é espiada. O preso deve ter a sensação de que está sempre sob o olhar vigilante do guarda, diz uma ordem de serviço da cadeia. É impossível citar aqui todas as proibições deste e doutro genero a que os presos estão sujeitos em Peniche e, com algumas pequenas variantes, em todas as outras cadeias políticas. Isto e as limitações e restrições de toda a ordem e as frequentes provocações de certos guardas dá origem a constantes castigos em que se destacam os segredos e os isolamentos e até as ameaças de morte inclusiva por parte do próprio director da cadeia. Eu assisti a espancamentos a vários presos por brigadas de guardas comandados pe-


lo seu chefe; eu vi metralhadoras apontadas aos presos com a ameaça de disparo eminente quando estes reclamavam uma relação que lhes tinha sido negada. Os presos vivem numa tensão nervosa permanente. É necessário um grande esforço de sua parte para manterem o seu equilibrio psíquico e em muitos esse está grandemente afectado.

Esta é uma pequena amostra da situação que vivem os presos nas cadeias políticas de Salazar e, particularmente na cadeia de Peniche. Uma descrição completa encheria um livro com muitas páginas. Se tivermos em atenção que os presos que estão em Peniche são geralmente presos condenados a longas penas, muitos deles já com mais de 10 anos de prisão e outros tantos ou mais de vida clandestina, completamente arrastados da saúde e dos nervos, condenados ás «medidas de segurança» que permitem a prisão por toda a vida avaliaremos melhor o significado e a dureza dum tal regime prisional, avaliaremos melhor os sofrimentos que suportam centenas de homens e mulheres do meu país cujo único crime foi o de lutarem pela liberdade e uma vida melhor para o seu povo. Fazendo ardentes votos pelos êxitos do vosso trabalho eu vos envio, caros amigos, as minhas mais calorosas saudações.

CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA

A QUESTÃO AGRÁRIA EM PORTUGAL

ÁLVARO CUNHAL



Canto

A uma jovem, muito jovem ainda, que a máquina policial de Salazar prendeu e torturou, em 64.

SOB A NOITE DE PEDRA
CÁRCERE DO DIA
TU
PISADAS NO ROSTO AS
ROSAS DA INFÂNCIA
TORNAS MAIS FUNDO A
RAIZ E O PORTE DA IRA.
É MAIS CURTA A DISTÂNCIA ENTRE O MONSTRO E A MORTE.

VEIGA LEITÃO

Encontra-se já à venda em todo o Brasil o livro "A Questão Agrária em Portugal", de Alvaro Cunhal, cuja capa reproduzimos acima. Ao apresentarem ao público, na contra-capa, o trabalho de Alvaro Cunhal definem-no os Editores como "estudo pioneiro de sociologia, economia e política", acrescentando que "a obra, além de ser um retrato vivo e denunciador das relações de trabalho e de propriedade no meio rural português, dá-nos a visão do problema em seus termos teóricos, auxiliando aqueles que, em outros quadrantes do mundo lutam por melhores formas de vida". A edição, de excelente apresentação gráfica, é da Civilização Brasileira e o preço é de 12 cruzeiros novos. Atendemos pedidos em nossa Redação, R. Conselheiro Furtado, 191. O preço para o Exterior é de 6 dólares via aérea ou 4,5 dólares, via marítima.

Centenas de Estudantes Manifestam-se Contra a Guerra do Vietnam

A luta do Movimento Estudantil voltou a ocupar o primeiro plano da actualidade portuguesa. Com poucas semanas de intervalo verificaram-se em Lisboa e no Porto duas manifestações, envolvendo centenas de estudantes, ambas de solidariedade ao heroico povo do Vietnam e contra a política de genocídio ali praticada pelos Estados-Unidos, irmã gêmea da que o governo de Salazar desenvolve em África.

Damos a seguir dois resumos dos acontecimentos, o primeiro enviado pelo nosso correspondente no Porto, e o segundo transmitido pela Agência Associated Press.

"STOP THE WAR!"

PORTO (Do Correspondente) — Toda a população desta cidade se emocionou com os factos ocorridos na Universidade, no dia 17 de Janeiro, durante uma visita do Embaixador norte-americano e está inteiramente solidária com os estudantes que dela participaram.

Logo que os estudantes, com alguns dias de antecedência, foram informados de que o embaixador dos Estados Unidos viria à Universidade a fim de apresentar cumprimentos ao reitor, os seus dirigentes articularam rapidamente um movimento de protesto. Elaborou-se um comunicado anónimo, contendo transcrições de passagens de um livro de Lord Bertrand Russell sobre os crimes de guerra americanos no Vietnam e, no final, convidavam-se os estudantes a aderir a uma manifestação de protesto. Assegurada larga divulgação a esse documento, foram feitos cartazes com os seguintes dizeres: STOP THE WAR! US GO HOME!, WE CONDEMN WAR CRIMES US IN VIETNAM.

As 11 horas, encontravam-se já no átrio da Faculdade de Ciências mais de 200 estudantes e pouco depois o seu número elevava-se a mais de 350. Entretanto, as autoridades fascistas, alarmadas tomavam providências para que a visita fosse anulada. Os estudantes contudo, não se dispersaram, resolvendo levar adiante a manifestação prevista. À hora marcada, em câmara, começaram gritando: "STOP THE WAR! VIETNAM PARA OS VIETNAMEZES! VIETNAM LIVRE, US GO HOME!" e outros slogans.

Momentos depois, o chefe dos continuos pretendeu arrancar um cartaz dos estudantes, mas a reacção foi tão imediata e firme que teve de fugir entre vaias. Os estudantes eram já então donos da Faculdade. Cerca do meio dia, o professor fascista Jayme Rio de Sousa, director da Faculdade de Ciências, mandou encerrar as portas interiores da Reitoria a fim de impedir o acesso ao local da manifestação de estudantes que saíam das aulas.

Nesse momento foi pedido um minuto de silêncio em homenagem ao povo vietnamita e novos cartazes foram fixados nas paredes. Fora da Faculdade muitos populares juntavam-se a outros estudantes e solidarizavam-se com a manifestação. Alguns polícias tentaram dispersar a multidão, mas ante a veemência das reacções desta, acabaram por desistir. A Guarda Republicana só chegou em força, quando a manifestação já estava praticamente finda e os

estudantes se retiravam. Apenas foram detidos dois estudantes, "por insultos às autoridades", mas foram soltos horas mais tarde. A vitória alcançada pelos jovens causou profunda impressão em todo o País, colhendo o aparelho policial de surpresa.

VIOLENTA REPRESSÃO EM LISBOA!

LISBOA — 23 de Fevereiro (Associated Press) — Grupos de polícias, usando capacetes de aço e armados de fuzis lançaram-se contra um grupo de cerca de 300 estudantes universitários que protestavam contra

a política norte-americana no Vietnã.

Os polícias usaram bastões, as coronhas dos fuzis e cães amestrados contra os estudantes que marchavam e cantavam, sob chuva intensa nas proximidades da embaixada norte-americana, no centro de Lisboa. Alguns universitários ficaram feridos e outros foram presos. Foi esse o primeiro incidente político violento ocorrido em Portugal desde as manifestações estudantis de 1962.

TEMOR DAS AUTORIDADES

Altos funcionários do governo temem que uma permissão

para que os estudantes se manifestem contra a presença norte-americana no Vietnã possa desencadear uma futura série de demonstrações contra a política colonialista portuguesa na África.

Os observadores políticos consideram as recentes manifestações uma espécie de teste, por parte dos estudantes, e é evidente que a polícia tinha ordens de usar toda a força necessária.

AS PERMITIDAS

As últimas manifestações de protesto autorizadas em Portugal foram as que ocorreram por

ocasião da anexação, pela Índia, das possessões lusas de Goa, Damão e Diu. Essas manifestações foram não somente permitidas mas até estimuladas pelas autoridades. Para a grande maioria dos jovens portugueses, elas foram uma experiência inédita. Agora, entretanto, o governo de Lisboa está absolutamente decidido a reprimir manifestações contra os Estados Unidos, por duas razões: 1) os EUA são "aliados e amigos de Portugal" e; 2) as manifestações facilitam as atividades dos adversários do regime e particularmente dos líderes esquerdistas, que pregam a derubada do regime pela força.

A Revolução do 31 de Janeiro Comemorada em Paris

PARIS (Do Correspondente) — No dia 4 de Fevereiro realizou-se nesta capital com grande êxito uma sessão comemorativa da Revolução do 31 de Janeiro de 1891. O acto promovido pelo Comité para Defesa das Liberdades em Portugal foi presidido pelo dr. Ramos da Costa e teve a participação de mais de 300 democratas portugueses.

Além do dr. Ramos da Costa usaram da palavra o eng. Lopes Cardoso, o dr. José Dias, o dr. Marques dos Santos, Leite Faria e Ilídio dos Santos. Foram lidas entre outras, mensagens recebidas da Frente Patriótica de Libertação Nacional; da escritora Maria Lamas e do historiador Antonio José Saraiva; do prof. Ruy Luis Gomes, em nome dos democratas portugueses do Brasil; e da Junta Patriótica Portuguesa de Caracas.

A Assembléa aprovou o envio de uma saudação aos presos políticos e de um telegrama ao ministro da Justiça do governo de Franco, exigindo a libertação de três anti-fascistas portugueses presos em Espanha e ameaçados de extradição.

BREVE ANÁLISE DA CONJUNTURA PORTUGUESA

Foi igualmente aprovada uma mensagem endereçada às forças democráticas do interior e a todos os democratas que lutam em Portugal pelo derrubamento do fascismo, pela conquista da Liberdade, da Paz e da Independência económica. Publicamos, a seguir, as principais passagens desse documento:

"Os efeitos da política do governo fascista português estão bem patentes no estado da economia nacional. O ano de 1967, foi um ano de recessão para a economia portuguesa. A taxa de desenvolvimento, que tinha sido até 1960 de 5,7%, baixou para 4% em 66 e no ano de 67 manteve-se aquela. O déficit da balança comercial vai aumentando inexoravelmente. A quebra do desenvolvimento económico observada a partir de 66, assim como o agravamento do déficit da balança comercial são uma consequência do agravamento da despesa com a guerra colonial, que representa 50% do total da despesa pública. As despesas com a "segurança" e a "defesa"

aumentaram entre 65 e 67 em mais de 100%.

A agricultura atravessa uma crise gravíssima que só factores estruturais poderão explicar.

(...) A emigração ultrapassou em 1965 o cabo dos cem mil e tem desde então vindo a aumentar. Chegamos à situação paradoxal em que, apesar dos nascimentos, a população do país está a diminuir. O governo fascista de Salazar mostra-se assim incapaz de assegurar a todos, o direito mais elementar que pode ser exigido de um governo: o direito a viver na sua pátria.

A incompetência da administração fascista mostra-se não só incapaz de resolver os problemas económicos e sociais, mas é ainda mais flagrante a sua incúria no caso recente da catástrofe das cheias de Lisboa de que foram vítimas as famílias mais pobres vivendo em condições miseráveis. Para a juventude as únicas perspectivas são: ou a participação no genocídio das populações africanas durante uma servidão militar de 4 anos que pode ir até 6 ou então a emigração clandestina.

O governo fascista de Salazar queima na guerra colonial os recursos nacionais e faz cair sobre o povo o peso dos gastos com o aumento dos impostos e com o aumento do custo de vida, enquanto os monopólios e os grandes bancos apresentam lucros desmedidos. PORTUGAL E A GUERRA COLONIAL

Com a nova lei sobre o serviço militar e a chamada reserva de recrutamento, o governo fascista procura a militarização do país e antecipar o enquadramento militar da juventude impedindo-a assim de emigrar massivamente.

(...) O exército português de mais de 120.000 homens é um factor do agravamento da despesa pública incompatível com os recursos da Nação que o nosso povo não pode suportar. A sua presença nas colónias vai contra os direitos dos povos à independência e à auto-determinação.

Apesar das várias resoluções da O.N.U. recomendando a descolonização, Portugal não só continua a guerra como ajuda os mercenários

européus na sua agressão contra o Congo, cedendo-lhes bases em Angola, campos de treino em Portugal, assim como também ajuda os separatistas de Biafra.

Os acordos e alianças com os governos racistas da Rodésia e da África do Sul definem bem a política colonial de Salazar. O governo fascista põe em perigo a paz no continente africano. Salazar sacrifica assim a juventude portuguesa numa guerra injusta e anárquica de exterminação e de genocídio, hipotecando o país ao capital estrangeiro.

IMPERIALISMO

A invasão dos capitais estrangeiros e a dependência da economia portuguesa em relação aos monopólios e ao imperialismo põem em causa a independência económica e política do país.

A par da presença cada vez maior do capital estrangeiro, há a presença militar. Pensa-se que em Pinhal do Rei tenham sido instaladas bases de mísseis da NATO. Os alemães que possuem a base de Beja onde estacionam cerca de 20.000 militares estão a negociar para a cedência de mais bases no norte do país.

O auxílio das potências imperialistas ao governo fascista, graças ao qual é possível o prosseguimento da guerra colonial, é prestado a troco de concessões económicas e militares em Portugal que reduzem cada vez mais a uma mera palavra a independência do país.

LUTAS E REIVINDICAÇÕES

Os trabalhadores, os intelectuais e os estudantes têm dado grandes exemplos de luta que são para nós um encorajamento e a certeza de que unidos, venceremos o fascismo.

(...) O surto de violências e a insegurança que se verifica recentemente no país com assaltos a bancos e quartéis, é mais uma prova das dificuldades do governo para dominar a ansiedade de luta que toma os aspectos mais variados.

Além da opressão e da exploração das massas populares, a política fascista tem assentado na censura obrigatória. A abolição da censura é uma aspiração comum de todos os intelectuais honestos e ao mesmo tem-

po uma reivindicação das forças democráticas e das massas populares, como o prova o documento assinado por 235 intelectuais apresentado recentemente à Assembleia Nacional.

Os estudantes de Lisboa deram uma prova importante de civismo ao assumirem uma parte das responsabilidades na ajuda às vítimas das inundações de Novembro. Atribuíram as verdadeiras causas do desastre não à chuva mas às más condições de vida e denunciaram a censura suplementar instaurada assim como a impreparação e a desorganização dos organismos sanitários do governo.

Não podemos passar em silêncio a magnífica prova de solidariedade internacional prestada pelos estudantes do Porto ao heroico povo do Vietnam, manifestando-se contra a agressão americana naquele país, impedindo assim a visita do embaixador dos E. U. A. aos edifícios da Universidade.

CONCLUSÃO E APÊLO

A própria situação nacional, cada vez mais aguda e dramática que acima definimos a largos traços: alto grau de monopolização das riquezas nacionais e exploração dos trabalhadores e das classes médias, a catastrófica política de guerra colonial e de traição nacional, não pode deixar de ser favorável objectivamente ao desenvolvimento da luta das forças democráticas, a multiplicação das acções combativas, legais ou ilegais segundo as circunstâncias, do povo, dos intelectuais e dos estudantes, pelos seus direitos, pela melhoria das suas condições de vida.

Ao mesmo tempo esta situação trágica exige de cada um de nós na emigração ou no interior, de todos os anti-fascistas, de todos os portugueses patriotas, um esforço e capacidade política ainda maiores do que no passado, no sentido de orientar e de mobilizar com firmeza e eficácia as massas populares no seu profundo descontentamento e indignação para uma nova fase avançada de lutas económicas, sociais e políticas que destruirão o fascismo.

Não tenhamos ilusões quanto a uma possível liberalização do regime. O diálogo entre todos os opositores e democratas é

Pela amnistia e contra a repressão

VARELA GOMES
EM LIBERDADE

O capitão VARELA GOMES está em liberdade! Podemos, finalmente, confirmar a notícia que já tínhamos anunciado como quase certa. O governo fascista não teve outra saída. Não tendo sido condenado a "medidas de segurança", VARELA GOMES teria de recuperar a liberdade uma vez cumprida a pena.

Todo o povo português se regozija com a libertação do grande patriota.

MAIS PRISÕES

Prosseguindo na sua campanha de terror, a PIDE prendeu em Janeiro, no Porto, CONSTANTINO DE SOUSA, ANTERO FERREIRA, ROMEU e SIMÃO. O estudante FERNANDO DE OLIVEIRA, da Faculdade de Direito de Lisboa, foi preso numa aldeia perto de Oliveira de Azemeis.

Por outro lado, sabe-se que continuam presos o alferes miliciano MANUEL AUGUSTO, o jornalista FERNANDO BREDDERODE e os estudantes PI-CÃO DE ABREU e ANTONIO DE ALMEIDA.

A Revolução do 31 de Janeiro

(Continuação da pág. 5)

mais do que nunca necessário mas só possível desde que voltado para a acção contra o inimigo comum. Continuemos pois lutando em conjunto, unidos contra a repressão, pela amnistia de todos os presos políticos, pela supressão de toda e qualquer legislação ou jurisdição de excepção pelo direito de associação sem discriminação por partidos políticos ou sindicais, pela abolição pura e simples da censura, contra a guerra colonial e pelo direito à autodeterminação e independência das colónias.

O C.D.L.P. apoia todas as formas de luta que concorram para a liquidação do fascismo de Salazar.

Lutemos para a Liberdade, e Independência e a Paz para todo o povo, para todos os Democratas, para a Pátria espeznhada.

Consolidemos e reforçemos a combatividade e a organização da oposição anti-fascista.

UNIDOS VENCEREMOS!
POR UM PORTUGAL LIVRE E INDEPENDENTE!



Maria Luiza da Silva Neves — membro da Associação Feminina Pró-Paz

LIBERTADOS
HUMBERTO SOEIRO,
J. RAIMUNDO E
RAMON DE LA FERIA

Entre os últimos presos políticos postos em liberdade pela PIDE contam-se o dr. HUMBERTO SOEIRO, JOÃO RAI-

MUNDO e RAMON DE LA FERIA. Cabe recordar que a libertação do dr. Humberto Soeiro só foi possível mercê do amplo movimento de solidariedade promovido pelos advogados do Norte do País, com o apoio de inúmeros democratas de outras regiões.

Padres de Moçambique contra Salazar

Publicamos abaixo um expressivo telegrama distribuído à imprensa brasileira pela Agência France Press, no dia 20 de Fevereiro, relativo à posição de um ponderável sector do clero moçambicano em face do fascismo colonialista português. No próximo número dedicaremos ao assunto os comentários que ele merece.

BEIRA (Moçambique), 20 (FRANCE PRESSE) — Vinte sacerdotes desta colónia lançaram recentemente violenta crítica contra o regime português em Moçambique, acusando-o de cercear a liberdade da hierarquia católica daqui.

Em carta enviada a conferência dos bispos de Moçambique, que se realiza na Beira, os vinte sacerdotes denunciaram as subvenções que o governo português concede à igreja de Moçambique, reduzindo assim, segundo disseram, a liberação de acção e expressão do clero católico. Os vinte sacerdotes queixaram-se da estreita vigilância a que a polícia submete os católicos africanos.

"Os mais instruídos e dinâmicos (dos católicos) são sistematicamente perseguidos pela polícia e atirados à prisão", disseram.

Os signatários da carta, entre os quais há portugueses, moçambicanos, holandeses, um italiano, um austriaco e um espa-

nhol, protestaram também, contra as injustiças de que são vítimas os não católicos e contra a censura a que a imprensa se acha submetida.

"A igreja", declararam, "torna-se cúmplice da afronta infligida aos protestantes e mulmulmanos aos quais não se dá outra oportunidade que não a de enviar seus filhos à escola católica".

Entre os signatários da carta, datada de 15 de fevereiro, acham-se dois dirigentes do "Diário de Moçambique", que pertence ao arcebispo. Esse jornal que já havia sido suspenso duas vezes pelas autoridades portuguesas de Moçambique, acaba de ser suspenso uma vez mais, por haver publicado um artigo não submetido a censura previa, no qual afirmava que os soldados portugueses da guarnição de Beira eram autores de 90 por cento dos roubos de automóveis cometidos na cidade. O jornal criticava, também, a atitude "arrogante" dos militares portugueses em Moçambique.

Os efetivos do exército português em Moçambique foram consideravelmente reforçados nos últimos anos, para enfrentar a rebelião da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). Ao que parece, há agora uns 40.000 soldados portugueses na colónia.

CAIU UMA LUTADORA!

J. LOPES MENDES

No dia 15 de fevereiro p. p. deixou de existir Maria Luiza Silva Neves. Oriunda de Setubal, de uma família opulenta, sentiu desde muito moça inclinação pelos humildes e pela sua situação de pauperismo. Essa inclinação da adolescência levou-a ao lugar mesmo donde era mais patente e visível a dor do ser humano: aos hospícios. Como enfermeira deambulou pelos hospitais de Lisboa. O contacto directo com o sofrimento orientou-a a procurar as motivações profundas da doença, a procurar o alívio da dor fora do campo estrito da terapêutica e da medicina.

A doença, para ela, tinha quase sempre uma origem extra-biológica, uma causa social extrínseca, que se expressava na miséria, na carência de higiene, na promiscuidade, na desnutrição, na indiferença da sociedade perante o indivíduo.

Esta convicção integrou-a na luta social primeiro e na política depois. Participou em grupos femininos filantrópicos e noutros que se moviam na semi-clandestinidade, enfrentando a Ditadura. Manteve contacto com D. Maria Lamas e com grupos do MUD.

Um dia, como tantos outros compatriotas, empreendeu o caminho do exílio.

No Uruguai, desde os primeiros dias da emigração, foi infatigável lutadora pela causa à qual se havia dedicado já definitiva e inteiramente — a causa do povo português. Fundou, com outros portugueses, a União de Portugueses Democratas, a União de Mulheres Portuguesas e a Junta Patriótica Portuguesa. Fundou conosco o jornal "Portugal Livre". A primeira emissão radiofónica portuguesa anti-salazarista do Uruguai teve nela a sua principal mentora, e, extinta aquela, organizou e dirigiu outra que todavia persiste e que subsistirá à sua morte, como póstuma homenagem: "Portugal em Sud América".

Lutadora vocacional, o seu dinamismo não teve limites nem pausa. Viveu sob o signo do combate. Lutar, lutar, lutar — essa foi a sua norma e a sua forma de viver. Inquieta e vivaz, não perdia oportunidade de impor e difundir os seus ideais que eram uma mistura de humanismo e patriotismo acendrado.

Ultimamente o processo da luta levava-a a dar a mão a posições políticas radicais. Ficaram atrás velhas ilusões reformistas, do passado.

Com uma posição económica desafogada, uma

profissão lucrativa, proprietária de bens imóveis, podia ter vivido comodamente entre o luxo e os prazeres do mundanismo morno de Montevideo, com o qual, paradoxalmente, mantinha estreitos vínculos devido às suas actividades profissionais.

Pelo seu consultório de Kinesologia desfilava diariamente o mundo feminino da alta sociedade crioula, preocupado em manter a silhueta esbelta e a forma. Não se deixou jamais contaminar pela frivolidade balofa e diletante que a rodeava. Dir-se-ia que essa circunstância a impulsionava mais ainda a tomar posição por aqueles que nem sequer dispunham do suficiente para comprar um pedaço de pão ou para curar uma ferida aberta.

Em todas as horas do longo ostracismo, M. Luiza esteve nas primeiras fileiras do combate e ocupou merecidamente os mais honrosos postos. Sacrificou o êxito e a comodidade ao seu ideal — que era o da libertação do povo português.

Até ao último suspiro, prostrada na cama de um hospital de caridade (que estranha coincidência!), nos momentos lúcidos e também durante os delírios narcóticos, os seus desvelos constantes estavam sempre dirigidos para a luta. Viveu permanentemente e integralmente para a causa que abraçou. De tal modo que terminou os seus dias, já de braços com a morte, numa perpétua e peritaz pugna existencial mais ligada ao seu semelhante que a si própria.

Durante anos trabalhamos juntos. Dias e noites de angústia, vigília e esperanças, numa peregrinação sem fim que nos levou fora de fronteiras e ao interior do Uruguai.

Tivemos algumas e sérias discrepâncias. Os problemas da vida e da luta obrigam por vezes a que os homens se separem contra a sua vontade: obrigam-nos a trilhar caminhos distintos para almejar idênticos fins. Uma montanha não se pode escalar sempre em linha recta e em grupos compactos.

Estivemos ocasionalmente distanciados, sem dúvida mais do devido, mas sempre nos uniu o mesmo ideal e a mesma luta e no que nos toca constantemente rendemos preito aos seus invulgares dotes de lutadora e ao seu extraordinário dinamismo.

Nesta hora amarga, prestamos-lhe em nome de todos os portugueses anti-fascistas do Uruguai, a mais humilde e sentida homenagem: seguiremos o seu exemplo e lutaremos sem descanso e sob quaisquer circunstâncias até o último alento!

Homenagem Póstuma

Do nosso companheiro Carlos de Assumpção Neves, vice-presidente do Centro Republicano Português, recebemos as palavras que abaixo publicamos e que traduzem a sua comovida homenagem à memória do falecido escritor Tomás da Fonseca, de quem foi grande amigo, tendo sido também o editor das suas obras no Brasil.

"Deixou este Mundo, esse gigante, essa força educadora e de esperança, que levou toda sua vida defendendo os humildes das injustiças, ensinando-lhes a serem livres, escrevendo e pregando a sua e a minha verdade, o que lhe valeu, ter passado vários anos nas cadeias.

Não, JOSÉ THOMAZ DA FONSECA, não morreu, os heróis nunca morrem, a história os registra para a posteridade, e os seus nobres ideais, continuam para sempre alentando e encorajando os seus discípulos que são muitos, nos quais tenho o orgulho de me incluir.

Um dia a Aurora vitá clara, sem nuvens no horizonte e o homem será livre, então o grande THOMAZ DA FONSECA, autor dos SERMÕES DA MONTANHA e de tantas grandes obras, terá uma estátua, erguida em uma das principais cidades de PORTUGAL, tal como a tem, o grande MARQUÊS DE POMBAL, com seguinte legenda: "FOI UM IDEALISTA, POR MUITOS INCOMPREENDIDO, QUE PREGOU E ESCREVEU A VERDADE, QUE NA ÉPOCA, EM QUE VIVEU, ERA PROIBIDA NESTE PAÍS".

Era muito grande para nascer em um País, tão pequeno..."

Tomaz da Fonseca

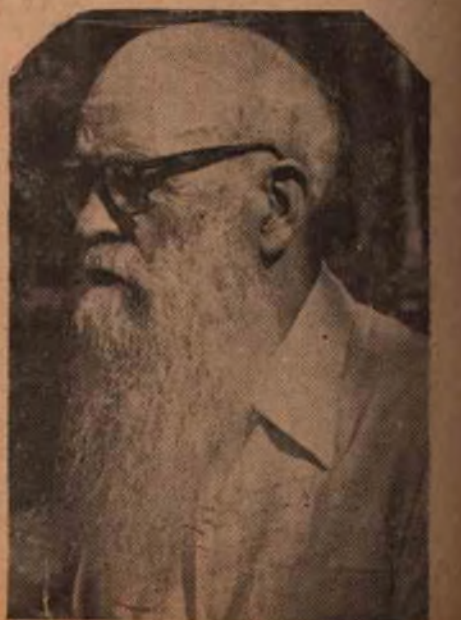
Faleceu em Lisboa, no dia 12 do passado mês de fevereiro, o escritor, o jornalista o homem político que foi Tomaz da Fonseca.

Tomaz da Fonseca nasceu em Mortágua, a 10 de março de 1877. Em 12 de setembro desse mesmo ano falecia Herculano, em Val de Lobos, ligando os seus últimos momentos à frase que Bulhão Pato haveria de fazer correr mundo: "Isto dá vontade da gente morrer". Tomaz da Fonseca e a sua geração herdaram o Portugal que dava vontade de morrer a Herculano. E tal como o fôra Herculano, Tomaz da Fonseca e a sua geração tornaram-se intrépidos lutadores pela Liberdade. O Portugal reaccionário, beato, ultramontano, que foi a razão de um dos grandes combates de Herculano transformou-se para Tomaz da Fonseca e para a sua geração, na sua razão de viver. Podemos hoje discordar da maneira como essa luta foi conduzida, podemos hoje discordar de alguns dos objectivos a atingir, mas não podemos deixar de nos inclinar perante a memória de combatentes que se mantiveram — arrostando com todas as incompreensões e com todas as dificuldades — fieis a si mesmos durante toda a sua vida. As conveniências e as inconveniências nunca os fizeram mudar de rumo. O seu único imperativo era o de servir a Pátria, e nunca dela se serviram.

Tomaz da Fonseca deixa mais de uma dezena de livros, além de variadíssima colaboração dispersa pela imprensa democrática, como O Mundo, A Lanterna, o Arquivo Democrático, A República etc. Foi várias vezes deputado após a implantação da República em 5 de outubro de 1910. Colaborou nessa época em várias reformas, entre as quais a do ensino primário e normal, sendo então vogal do Conselho Superior da Instrução Pública, Director das Escolas Normais de Lisboa, da Universidade Livre de Coimbra, Presidente do Conselho de Arte e Arqueologia desta mesma cidade.

Tomaz da Fonseca viu-se afastado da vida pública com uma grande parte dos melhores portugueses, a partir do golpe militar de 28 de maio de 1926 que acabou por instalar no País a ditadura fascista que oprime Portugal há já mais de 40 anos. Mas, apesar de "exilado na sua própria Pátria", a sua qualidade de combatente pela Democracia e pela Liberdade não foram desmentidas até o seu último dia de vida, aos 91 anos de idade.

É perante o combatente pela Democracia e pela Liberdade que Portugal Democrático se inclina, associando-se ao pesar de todos os seus amigos e de toda a sua Família, em especial ao de seu filho, o escritor Branquinho da Fonseca.



Tomaz da Fonseca

Liberdade para os Intelectuais Prêso!

(Continuação da pág. 2)

do Brasil vêm tomando conhecimento da nova onda de terror policial que se abate em todo o território nacional sobre os intelectuais portugueses. Tantas proporções atingiram o arbitrio e a violência policiais que o escândalo ultrapassou já as nossas fronteiras e a grande imprensa internacional dele se ocupa, chamando muito especialmente a atenção para o facto de se acharem presos sem culpa formada intelectuais como Urbano Tavares Rodrigues, Mário Soares e Francisco Sousa Tavares.

No Brasil, o movimento de solidariedade a essas três vítimas do obscurantismo policial-fascista traduz-se no momento por uma admirável campanha de que participam as figuras mais expressivas da intelligentsia deste país irmão. Pelos recortes que junto enviamos pode V. Exa. aquilatar das dimensões impressionantes desse movimento. Sabemos aliás que idênticas manifestações de solidariedade se desenvolvem em França, na Itália e em vários países americanos. De Portugal, entretanto, não nos chega a notícia de qualquer diligência em favor de Urbano Tavares Rodrigues, Mário Soares e Francisco de Sousa Tavares. É o que nos leva, representando milhares de democratas portugueses do Brasil, a dirigir-nos a V. Exa., até porque um dos presos citados, o escritor Urbano Tavares Rodrigues é um dos mais ilustres membros desse Sindicato. Certamente que V. Exa. já tomou as providências necessárias para que o Sindicato dos Jornalistas lhe empreste irrestrito apoio e solidariedade. A inquietação em que nos achamos leva-nos, porém, a solicitar se digne informar-nos de qual é no momento a situação exacta dos três intelectuais citados e que tipo de providências estão sendo tomadas em sua defesa, presos como foram em circunstâncias que representam uma violação flagrante dos princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem subscrita pelo governo fascista que oprime Portugal. Não somos apenas nós, portugueses exilados, que estamos inquietos com a sorte desses e de outros presos políticos. É toda a opinião pública democrática do Brasil.

A CARTA À ORDEM DOS ADVOGADOS

É do seguinte teor a carta enviada ao Bastonário da Ordem dos Advogados:

"A onda de arbitrariedades e violências que vêm atingindo os intelectuais portugueses — e que é, aliás, um simples desdobramento do terror policial endêmico em Portugal sob o regime vigente — provocou já no Brasil um movimento espontâneo de solidariedade às vítimas dessas perseguições, movimento de que participam as figuras mais destacadas da intelligentsia brasileira, conforme V. Exa. poderá verificar pelos documentos anexos.

Como é natural, mais acentuados são ainda os sentimentos de indignação entre muitos milhares de portugueses deste país ante essas últimas prepotências da PIDE. Dois membros ilustres da Ordem a que V. Exa. preside — os Drs. MÁRIO SOARES e FRANCISCO DE SOUSA TAVARES — acham-se presos sem culpa formada, tendo as prisões de ambos sido realizadas sigilosamente, opondo-se a censura a que os jornais delas dessem notícia. Paradoxal-

mente, chega-se assim à situação absurda e humilhante de vermos a opinião pública brasileira manifestar de forma comovedora a sua solidariedade às mais recentes vítimas da violência policial — até porque entre elas figura um escritor que goza de grande prestígio neste país, o Dr. URBANO TAVARES RODRIGUES — enquanto em Portugal nada se faz em defesa dos três presos citados. É o que nos leva a endereçar este apêlo a V. Exa. Interpretando os sentimentos de milhares de democratas portugueses do Brasil, temos a honra de solicitar a V. Exa. se digne usar do prestígio e da alta influência da Ordem dos Advogados no sentido de que sejam prontamente restituídos à liberdade os Drs. Mário Soares, Francisco de Sousa Tavares e Urbano Tavares Rodrigues, presos sem culpa formada, em frontal violação dos princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem, subscrita pelo Governo de Lisboa.

Respeitosamente
São Paulo, 18 de Fevereiro de 1968

aa- João Sarmiento Pimentel, escritor e oficial do exército; Joaquim Barradas de Carvalho, professor universitário; Augusto Aragão, auditor; Manuel Moura, tecnico industrial; Joaquim Quitério contabilista; Stelio Passos; José Maria Ribeiro, comerciantes; Joaquim José, vendedor; Fleurette Rodrigues; prendas domésticas; Vitor Ramos, professor universitário; Carlos Assumpção Neves, industrial; Maria Sofia Aragão, estudante; Miguel Urbano Rodrigues, jornalista; Alberto Pardal, estudante; A. Pereira de Oliveira, engenheiro; José Costa; Francisco Sarmiento Pimentel, oficial do Exército; A. Marujo, comerciante; Manuel Rocheta, guarda livros; Francisco Vidal, jornalista e engenheiro; Helder Costa, publicitário; Francisco dos Santos Gomes, comerciante; Fernando da Silva Ramos, tecnico de electricidade.

SOLIDARISTAS ITALIANOS SOLIDÁRIOS COM MÁRIO SOARES

A prisão do Dr. Mário Soares provocou em toda a Europa uma onda de indignação e de protestos.

Ao tomar conhecimento da prisão do Dr. Mário Soares, o Partido Socialista Italiano Unificado apresentou à Câmara dos Deputados, por intermédio de Venerio Cattani, responsável da secção internacional deste Partido Governamental, a seguinte interpelação: "O Partido Socialista Italiano pergunta ao Ministro dos Negócios Estrangeiros se o Governo não pensa que a prisão do advogado Mário Soares, figura muito importante da opposição socialista portuguesa, que teve lugar no dia 13 de dezembro, está relacionada com os recentes encontros do advogado Mário Soares com os chefes socialistas europeus, entre os quais o Vice-Presidente do Conselho Pietro Nenni; e se, em consequência disso, o Governo não considera que a prisão do Dr. Mário Soares constitui uma perturbação ulterior às relações políticas entre a Itália e Portugal, ambos membros do Pacto do Atlântico".
O Senador Paolo Vitorelli apresentou ao Senado uma interpelação semelhante:
O Partido Socialista Italiano que faz parte da coligação actualmente no poder em Itália, considerando que a prisão do Dr. Mário Soares está relacio-

nada com os encontros que este teve com o Vice-Presidente do Conselho de Ministros da Itália, Pietro Nenni, assim como com outros dirigentes socialistas europeus, põe ao Governo Italiano o problema do corte de relações diplomáticas com o Governo de Salazar.

Além das intervenções na Câmara dos Deputados e no Senado, o Partido Socialista Italiano enviou telegramas de solidariedade ao Dr. Mário Soares, e a sua mulher, a actriz Maria Barrosa. Também este mesmo Partido enviou o seguinte telegrama ao Ministro da Justiça do Governo de Salazar: O Partido Socialista Unificado Italiano manifesta a sua indignação pela notícia da prisão do advogado Dr. Mário Soares, responsável apenas por delito de opinião e protesta vivamente contra os métodos adoptados pelo vosso Governo, que viola sistematicamente os direitos fundamentais do homem. — Expressando a Mário Soares a solidariedade plena e completa do nosso Partido, pedimo-vos que sejam tomadas as medidas necessárias para a sua libertação imediata".

A REACÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA

Independentemente do relêvo com que noticiou todas as manifestações de solidariedade aos intelectuais presos, a imprensa brasileira participou activamente da campanha, dando-lhe a máxima expressão através de comentários ao terror cultural vigente em Portugal e das homenagens prestadas a Urbano Tavares Rodrigues. Reproduzimos abaixo alguns comentários.

ESCRITOR SOFRE EM PORTUGAL

Sob o título «Escritor sofre em Portugal», a «Última Hora», do Rio de Janeiro publicou a seguinte notícia no dia 21 de Fevereiro:

O escritor Urbano Tavares Rodrigues, preso pela Polícia de Portugal há mais de um mês, sem culpa formada, vem sofrendo sucessivas hemorragias e seu estado de saúde é grave. A polícia recusa-se a permitir que o escritor seja transferido para um hospital devidamente aparelhado, a fim de ser operado.

O Professor Fernando Fonseca, que após inúmeras dificuldades opostas pela PIDE conseguiu visitar e examinar Urbano Tavares, recomendou a realização imediata de uma intervenção cirúrgica. A polícia, no entanto, insiste em que o escritor submetesse a operação nas dependências hospitalares do próprio presidio.

Além de Urbano Tavares, encontram-se presos nos cárceres da policia salazarista os intelectuais Mário Soares e Francisco de Sousa Tavares.

O Movimento Brasileiro de Solidariedade aos Intelectuais Portugueses, segundo informações procedentes de Lisboa, tem comovido a opinião publica de Portugal que, de vários modos, vem manifestando sua gratidão ao povo brasileiro, e em particular aos professores, escritores e jornalistas, por seus atos de solidariedade às vítimas do terrorismo salazarista.

«ASSASSINATO»

Sob o título «Assassinato», o «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, publicou no dia 22 de Fevereiro, na sua secção de Editoriais, a seguinte nota:

«Urbano Tavares Rodrigues é um dos mais belos escritores revelados pelo neorealismo aos leitores de lingua portuguesa. A policia politica do ditador lusitano, que o prendeu apesar de encontrar-se gravemente enfermo, está impedindo o romancista de transferir-se para um hospital, onde possa sofrer intervenção cirúrgica que lhe salve a vida. O nome disto não é prisão. É assassinato.

«CENSURA»

«Os jornais «Diário de São Paulo» e «Diário da Noite», do sr. Assis Chateaubriand, órgãos tradicionalmente lechados a qualquer critica ao regime de Salazar, inseriram no dia 23 de Fevereiro, sob o título «Censuras», o seguinte comentário:

«Para se ter uma ideia de até onde pode ir a censura, numa progressão irrefreada, basta ler o que ocorre em Portugal, onde cultura é caso de policia e de Segurança Nacional. O escritor Urbano Tavares Rodrigues foi preso pela PIDE (espécie de Gestapo portuguesa), sem culpa formada. Está morrendo no carcere porque não lhe permitem uma operação fora do presidio. Tem uma hemorragia incessante. Outros intelectuais, Mário Soares e Francisco de Sousa Tavares, também se encontram no carcere. Censura, Policia Politica, terrorismo cultural, são nabos do mesmo sacco.»

HOMENAGENS DO «C. DA MANHÃ» E DA «TRIBUNA DE SANTOS»

Os jornais «Correio da Manhã» e «Tribuna de Santos» prestaram significativas homenagens a Urbano Tavares Rodrigues, contribuindo com seus gestos de solidariedade para ampliar as proporções do movimento.

O «Correio da Manhã», dedicou ao escritor preso toda a primeira página do seu famoso Quarto Caderno, na edição de domingo de 18 de Fevereiro. A abrir um ensaio sobre a Crise Racial nos Estados Unidos, da autoria de Urbano Tavares, a Redacção colocou a seguinte nota:

«O autor é um conhecido intelectual português. Foi preso, em Portugal, há mais de um mês, sem qualquer acusação especifica. Está incomunicavel. Sociedades de escritores de todo o mundo têm protestado em vão contra essa arbitrariedade, agravada pelo facto de que Urbano Tavares Rodrigues se encontra em precario estado de saúde.

A «Tribuna de Santos», por seu lado, jornal onde Urbano Tavares Rodrigues colabora há anos prestou-lhe uma homenagem não menos comovedora. No dia 24 de Fevereiro, a abrir a página literaria enunciando um texto de Urbano Tavares Rodrigues, ilustrado com um bellissimo desenho da grande pintora Wega, o maior critico de arte do Brasil, Geraldo Ferraz, diretor dessa página, escreveu as seguintes palavras:

«Como tem sido noticiado, Urbano Tavares Rodrigues, colaborador de «A Tribuna», «O Estado de S. Paulo», «Correio da Manhã», no Brasil, destacado escritor português, acha-se preso em Lisboa, sem culpa formada, há mais de um mês e em grave estado de saúde, não permitindo a PIDE que seja operado, conforme opinou o prof. Fernando Fonseca, que o examinou no carcere. A solidariedade que devemos ao eminente escritor fica aqui expressa, ao inserirmos a bela página de recordações que se vai ler e que foi uma das últimas colaborações que nos chegaram de Urbano Tavares Rodrigues.»

UM COMENTARIO DA «VOZ DA LIBERDADE»

Sobre as prisões de Urbano Tavares Rodrigues e Francisco de Sousa Tavares, a Radio «Voz da Liberdade», de Argel, irradiou o seguinte comentário:

«Intensificou-se a ofensiva da PIDE contra os democratas portugueses.

Chega-nos a noticia de que foi preso o conhecido escritor e democrata URBANO TAVARES RODRIGUES.

Não é a primeira vez que URBANO TAVARES RODRIGUES, autor duma das obras mais notáveis da literatura portuguesa moderna, é vítima das perseguições da PIDE. Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, URBANO TAVARES RODRIGUES, tal como acontecera já a alguns dos mais ilustres professores universitários portugueses, foi demittido e obrigado a abandonar a Universidade, apesar dos protestos de centenas de alunos que então com ele se solidarizaram.

Posteriormente, vários dos seus livros têm sido apreendidos por ordem da PIDE. E o próprio escritor conheceu mais do que uma vez os carcere salazaristas.

No Portugal de Salazar é assim: demittido da Faculdade de Letras um homem da categoria de URBANO TAVARES RODRIGUES e admite-se como professor da mesma Faculdade um agente da PIDE chamado Farinha. É caso para dizer que no regime de Salazar os professores e escritores vão para a cadeia e os agentes da PIDE vão para a Universidade.

Agora a PIDE prendeu de novo URBANO TAVARES RODRIGUES.

Porquê? Não se sabe. Ou por outra. Porque sim. A PIDE não precisa de razões para prender. O simples facto de se ser escritor e democrata é razão suficiente para se poder ser preso pela PIDE.

Como escreve o jornal francês, «Le Monde»:

«Nenhuma acusação foi formulada contra ele... Mas segundo os termos da lei portuguesa, uma pessoa pode ser presa três meses sem ser inculpada. Este periodo é renovavel.»

É isto o que diz o jornal «Le Monde»; é isto o que, por triste experiencia, sabemos todos nós. Em Portugal não há um Estado de Direito. A lei suprema é a PIDE.

A PIDE pode prender sem razão. A PIDE pode torturar. A PIDE pode assassinar. Tudo isto é legal no Portugal de Salazar.

A violencia transformou-se em lei. O ser-se democrata é considerado um crime. A legalidade democratica éles chamam crime. Ao crime éles chamam lei. E foi ao abrigo da lei do crime e da violencia que a PIDE prendeu o escritor URBANO TAVARES RODRIGUES.

E foi igualmente ao abrigo da lei do crime e da violencia que a PIDE prendeu em Lisboa o advogado Dr. FRANCISCO SOUSA TAVARES, catolico e monarchico independente que, pelo simples facto de ser adversario do regime, tem sido varias vezes preso.

«A PIDE anda á solta. A PIDE procura intimidar os democratas de todas as tendências, com o objectivo claro de impedir o desenvolvimento da unidade de acção das forças anti-fascistas. Mas contra a ofensiva policial a unica resposta eficaz

é exactamente a unidade de acção de todos os democratas.

Só a unidade de acção de todas as forças anti-fascistas, só o protesto enérgico e imediato de todos os democratas pode obrigar a PIDE a recuar.

É preciso que todos os escritores e artistas portugueses protestem publicamente e reclamem a imediata libertação do escritor URBANO TAVARES RODRIGUES.

É preciso que os advogados portugueses intensifiquem a sua acção em defesa do Dr. FRANCISCO SOUSA TAVARES.

Se por toda a parte nos unirmos e posarmos unidos á acção; se por toda a parte fizermos ouvir o nosso protesto, respondendo á ofensiva da PIDE com a nossa ofensiva unida e audaciosa, a PIDE será forçada a recuar porque a PIDE tem medo. A PIDE prende porque tem medo da nossa unidade e da nossa acção.

Basta de terrorismo policial. É preciso preparar uma nova fase de luta. Unam-nos, organizemo-nos; possemos unidos a acção; lutemos unidos em defesa dos democratas presos.

NATAL DO PRÊSO POLITICO

Não foi apenas entre a emigração portuguesa do Brasil que a iniciativa do Natal do Preso Político se desenvolveu este ano. Informa-nos de Cannes um dos nossos correspondentes, que em França se procedeu também à recolha de donativos, tendo a campanha alcançado o maior exito. Só daquela região foram enviados 770 francos franceses para os presos políticos, de acordo com as informações que nos chegam.

PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSÁVEL
Otávio Martins de Moura
SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Rua General Pedra, 215 — Tel.: 43-0202

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva — Rua Real da Torre, 819 — 1.º

CURITIBA: Antonio Serpa — Rua Dr. Murjel, 712

LONDRINA: Juno Duarte — Eufício Centro Comercial — Apto. 141

PELOTAS: Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro, 312 — Pelotas — Rio Grande do Sul

INGLATERRA: Portuguese And Colonial Bulletin — 10 Pentiman Road, London, S.W. 8

BRUXELAS: Carlos Figueira — rue Jolly, 77 Schaarbeek — Bruxelles 3

HOLANDA: ANGOLA COMITE — Vinkenstraat 13 — Amsterdam — C.

CANADA: Portuguese Canadian Democratic Association 10 — Eden Place Toronto 2B — Ontário

A. dos Santos 7564 d'Outremont Ave. — Apt. 1 Montreal 15, P.Q.

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay Casilla de Correo n.º 2.128 — Distrito 5 — Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ribeiro — Postovní Úrad/Jindrišská UL. C.14 Štátníka 646 — Praha 1 Tchecoslovaquia

FRANÇA: Grupo de Amigos de «Portugal Democrático» — 2, Place François Villon — Escalier E — La Courneuve — Seine — França

REDAÇÃO: Rua Conselheiro Furtado, 191 Sala 2 — Tel.: 37-0933 — São Paulo

Caixa Postal 6248

Composto na Editora ESCRITOS Limitada Rua Almeida Torres, 119 — S. P.

EXPEDIENTE: Dias úteis: das 19 às 22 horas Sábados: das 15 às 19 horas Número avulso NC: \$ 0,20 Assinatura anual NC: \$ 3,00

ANO XII — N.º 127 — MARÇO/1968

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por consequente de sua exclusiva responsabilidade.

Ultima Hora

Libertados
M. Soares,
Urbano e
S. Tavares

Segundo telegrama distribuído aos jornais no sábado dia 2 de Março, pela Agência Associated Press, acham-se já em liberdade os destacados democratas Mário Soares, Urbano Tavares Rodrigues e Francisco de Sousa Tavares.

A campanha de solidariedade internacional desenvolvida em dezenas de países constituiu o fator decisivo que forçou o Governo fascista a recuar, libertando os três patriotas. Cabe salientar que foi no Brasil que essa campanha atingiu o seu ponto mais alto. Ao longo do mês de Fevereiro não houve praticamente um dia em que a imprensa de S. Paulo e do Rio não divulgasse notícias sobre gestos de solidariedade aos intelectuais presos, o que acabou por comover toda a opinião pública, criando uma situação insustentável à diplomacia fascista, precisamente no momento em que ela se empenha a fundo pela ratificação pelo Congresso brasileiro dos Acórdos Cultural e Comercial assinados em 66.

A grande vitória alcançada e para a qual contribuíram todos os anti-fascistas portugueses do Brasil, em magnífica demonstração de unidade, deve servir de estímulo para novas batalhas e novas vitórias. A experiência mostra que tanto o Governo de Salazar como a PIDE recuam sempre quando os democratas portugueses lhes fazem frente com firmeza, unidos e organizados.

PRESOS EM ESPANHA ELEMENTOS DO "LUAR"

Segundo uma crónica do jornalista José Antonio Novais, publicada no jornal «O Estado de São Paulo», de 3 de março, o governo argentino concedeu asilo político a três anti-fascistas portugueses detidos dias antes pela polícia franquista e que seriam membros da Liga de União e Ação Revolucionária (LUAR). Os detidos são JULIO DOS SANTOS ALVES, FRANCISCO SERUCA CARVALHO SALGADO e JOSE PAULO LIMA MATIAS. O gesto do governo argentino veio liquidar a nascente das possíveis pretensões de Salazar de obter a extradição desses oposicionistas.

Por outro lado, informam as agências noticiosas que foi preso em Lisboa o banqueiro Costa Lobo, do Banco Pineda e Moraes. Essa prisão estaria relacionada com a divulgação de fatos ligados ao escândalo de corrupção de menores em que se acham envolvidas várias ministros e altas personalidades fascistas.

PORTUGAL
DEMOCRÁTICO
R. Com. Furtado, 191 - SP, Brasil
Endereços de Assinantes

NO CENTRO REPUBLICANO PORTUGUÊS

O Neo-realismo é uma Técnica de Denúncia

— LEMBROU O PROF. OCTÁVIO IANNI AO SAUDAR FERNANDO NAMORA

Por motivo da presença em São Paulo de Fernando Namora, o Centro Republicano Português promoveu na sua sede, no dia 18 de Fevereiro um encontro daquele escritor com os elementos democráticos da colónia e com escritores e editores brasileiros. Embora a época fosse de férias, compareceram destacadas figuras do meio intelectual paulista. Estiveram presentes entre outros os escritores Helena Silveira, Octávio Ianni, Lygia Fagundes Telles, Rolando Roque da Silva, Cecília Caldeira, Suzana Beck, Carlos Soulié do Amaral, Cristina Queiroz e Carlos Junqueira de Ambia. A Editora Difusão Europeia do Livro fez-se representar pelo seu diretor editorial Rolando Roque da Silva. Também presentes, os srs. Antonio Gil, da Editora Samambaia e José Velo Mosquera, da Editora "Nós".

Da emigração democrática portuguesa compareceram os elementos mais representativos.

Palavras de Sarmiento Pimentel

Publicamos abaixo a saudação que o presidente do Centro, comandante João Sarmiento Pimentel dirigiu ao homenageado: "Fernando Namora, cidadão de um só parecer e firmes convicções políticas, é um escritor de fama mundial e entre os romancistas contemporâneos aquele que encontrou uma expressão verdadeira na condição humana do povo português. Desde o início da sua fulgurante e gloriosa carreira literária a sua pena tem corajosamente permanecido ao lado dos humilhados e ofendidos.

Do seu nobre carácter, das suas exemplares e marcantes atitudes, daquele amor pela Grei, do interesse pelos históricos destinos de Portugal de sempre, são emocionante e eloquente testemunho todos os seus livros. Da Arte e dos múltiplos talentos do grande mestre das Letras, desse génio criador da Graça e da Beleza que há em Fernando Namora, vai-vos falar a escritora Helena Silveira, aqui presente, como também teremos a honra de ouvir o ilustre professor dr. Octávio Ianni, famosíssimo sociólogo, sobre a missão do escritor neo-realista, sua acção esclarecedora dos problemas que preocupam e desafiam a Inteligência e a Civilização contemporâneas, os progressos da Ciência, a Paz e a Vida das Nações.

A este autêntico embaixador da Alta-Cultura portuguesa, nestas despretençiosas e breves palavras, apenas lhe damos as fraternas boas vindas do Centro Republicano Português de São Paulo, onde se mantém acesa, há mais de 70 anos, a chama votiva do culto da Pátria distante e aquele amor à República e à Liberdade que conforta tantas saudades e renova tôdas as esperanças dos democratas.

A visita de Fernando Namora é generosa preterita à nossa fé num futuro que está na alma e

no coração do povo, e é também homenagem a esta sincera amizade luso-brasileira que sempre tivemos e procuramos alargar a convivência com altos espíritos da dinâmica e ousada gente bandeirante como são os deste grupo de intelectuais brasileiros que aqui veio hoje para cumprimentar o notável escritor, nosso ilustre e querido patrício."

Fala Helena Silveira

No uso da palavra, Helena Silveira, saudou Fernando Namora nestes termos:

"Fernando Namora,

O comandante Sarmiento Pimentel "atraçou-me". Deu-me a palavra para saudá-lo quando temos aqui tantos escritores que podiam fazê-lo com brilho e valor. Acontece também que mulher tem fama de faladeira e, para obviar a adjetivação tradicional, vou ser breve.

Meu predecessor disse que esta casa era uma residência de rebeldes visados policialmente. Mas os escritores brasileiros democratas aliaram-se aos portugueses e encontram aqui sua morada específica. Ela é assim, nossa. Todavia, tenho a certeza de que o espírito desta pequena cidadela será um dia, o espírito de um continente, este continente sempre chamado de "O Continente da Esperança". Uma esperança que sempre é espera, dirão os céticos. Mas nós sabemos sentar a Esperança conosco, torna-la presente e cumular os povos todos do mundo que, para isto, temos a ajuda dos irmãos portugueses. Nossa luta parece menos árdua pois que nossa caminhada é ombro a ombro e pelo mesmo ideal.

Mas não falemos do mofino presente, que este é um momento de festa. Festa por tê-lo conosco já não mais apenas através de sua literatura bela e ilustre, e sim em pessoa, com esse gostoso falar português tão amado. O que os escritores brasileiros desejam dizer-lhe é um caloroso muito obrigado por esta visita que nos faz. Que volte breve para uma outra visita. E quem sabe se, então, teremos realizado o sonho que nos une: escritores portugueses e brasileiros desta casa."

A intervenção de O. Ianni

Por último falou o prof. Octávio Ianni, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Damos abaixo um resumo da sua intervenção, que foi saudada por todos os presentes com uma prolongada e calorosa ovação:

"Como brasileiro interessado nos problemas do mundo presente, não posso deixar de acompanhar com o maior interesse os acontecimentos mais importantes da vida portu-

ga. É verdade que não tenho tido a oportunidade de acompanhar as manifestações mais notáveis da literatura portuguesa contemporânea, da qual o dr. Fernando Namora é um ilustre representante. Entretanto, tenho acompanhado com grande interesse o desenrolar dos acontecimentos políticos, económicos e culturais em Portugal. E é em face dessa situação que vejo crescer a responsabilidade dos intelectuais, nos vários campos da criação literária e científica. Não podemos fugir aos graves problemas enfrentados cotidianamente pelo povo português na atualidade.

O Estado fascista, a guerra colonial e a ação do imperialismo continuam a destruir as energias das massas em Portugal e nas colónias. É importante lembrar sempre que o povo de Portugal, Angola, Moçambique e das outras colónias portuguesas está sofrendo a ditadura política e policial há cerca de quarenta anos. Que Portugal é praticamente o país mais atrasado da Europa. A sua renda per capita alcança US\$370. Somente na Albânia a renda per capita é menor, situando-se em torno de US\$290. Trata-se de um povo cujas taxas de mortalidade infantil e de tuberculose são as mais altas da Europa. E cerca de 50% da população é analfabeta.

Apesar dessa situação, continua a guerra colonial e progride a emigração. Na verdade, a guerra e a emigração são dois fatores decisivos para a manutenção desse estado de coisas na Metrópole. Funcionam como válvulas, para atenuar as tensões políticas e económicas que a ditadura fascista não é capaz de resolver. Apenas a violência policial, a guerra e a emigração permitem o controle de uma situação insustentável. Corando isso tudo, reina o obscurantismo. Como diz um personagem de *Retalhos da Vida de um Médico*: "Nós temos acumulado muito ódio à nossa volta. É uma seara que vai germinando".

Diante desse quadro, os intelectuais em geral têm grande responsabilidade. Devem mobilizar todos os seus recursos (como artistas, cientistas e professores) para descrever e denunciar o fascismo, o imperialismo e o obscurantismo vigentes. A verdadeira democracia somente será restaurada se também os intelectuais não se omitirem. Eles têm condições — pelos próprios instrumentos de trabalho de que dispõem — para denunciar as contradições insuportáveis que oprimem o povo na Metrópole e nas colónias.

Nesse sentido é que o neo-realismo (de que o dr. Fernando Namora é um notável representante) é uma escola literária com papéis muito sérios a desempenhar. O neo-realismo é válido exatamente como uma recusa à contemplação. Não se trata apenas de arte de vanguarda, em que os refinamentos formais sobrepujam os conteúdos reais. Trata-se de uma arte revolucionária, em que os problemas concretos estão em primeiro plano. O neo-realismo é necessariamente uma técnica de

denúncia das carências generalizadas que afligem o povo português, assim como todos os povos espoliados.

A medida que todos trabalham nessa direção, o fascismo e o colonialismo serão derrotados. Então, a democracia verdadeira será instaurada em Portugal e as colónias emancipadas poderão contruir o próprio futuro. Então, o progresso político, a expansão económica e o florescimento cultural serão uma realidade.

É nesse sentido, dr. Fernando Namora, que os intelectuais têm uma grande responsabilidade diante do povo português e dos povos colonizados. Na medida em que nos recusarmos à contemplação, estaremos colaborando para a derrota do fascismo nas terras portuguesas; e do fascismo disfarçado de outras terras."

Um voto de F. Namora

Fernando Namora, lamentando a extrema fadiga que o dominava, principiou por salientar que mais do que em qualquer outro momento, ela o afetava ali. Não se sentia em con-



Fernando Namora

dições de responder em nome dos escritores portugueses. Dirigindo-se ao comandante Sarmiento Pimentel, agradeceu a saudação amiga do presidente do Centro Republicano e declarou que não hesitara em aceitar o convite para aquele encontro, pois todos sabiam qual era a sua posição e não escondia as afinidades que o ligavam aos portugueses reunidos à sua volta. Manifestou a seguir a sua gratidão aos escritores brasileiros presentes, de cujos sentimentos Helena Silveira fora intérprete tão feliz. Não queria deixar de traduzir de algum modo o quanto o haviam impressionado as palavras tão lúcidas do Prof. Octávio Ianni. O interesse dedicado pelos intelectuais brasileiros ao estudo da realidade portuguesa e a preocupação de se manterem atualizados em relação à mesma eram para ele reconfortantes. Sobre as considerações do Prof. Octávio Ianni disse ainda que havia nelas alguns aspectos que mereciam ser largamente debatidos, mas que não era aquele o momento para o diálogo que gostaria de travar. Insistiu, contudo, em que no seu conjunto, especialmente no tocante aos problemas da emigração e da África, se lhe afigurava correcta a exposição feita. Finalizando exprimiu o desejo de voltar e, numa alusão às palavras de Sarmiento Pimentel e de Helena Silveira, disse: "Faço votos para que, então, a "Cidadela da Esperança" seja já uma "Cidadela da Certeza".